

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

BRENDA EVANGELHO DA CRUZ

A VOZ EMPODERA:
UM ESTUDO DE CAMPO SOBRE O SLAM DAS MINAS - POA

PORTO ALEGRE
2019

BRENDA EVANGELHO DA CRUZ

A VOZ EMPODERA:

UM ESTUDO DE CAMPO SOBRE O SLAM DAS MINAS - POA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug Wottrich

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Cruz, Brenda Evangelho da
A voz empodera: um estudo de campo sobre o Slam das
Minas - POA / Brenda Evangelho da Cruz. -- 2019.
68 f.
Orientadora: Laura Hastenpflug Wottrich.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Relações
Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Comunicação. 2. Empoderamento. 3. Slam. 4.
Mulheres. I. Wottrich, Laura Hastenpflug, orient. II.
Título.

BRENDA EVANGELHO DA CRUZ

A VOZ EMPODERA:
UM ESTUDO DE CAMPO SOBRE O SLAM DAS MINAS - POA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Relações
Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura
HastenpflugWottrich

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Laura HastenpflugWottrich – UFRGS
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Mônica Pieniz – UFRGS
(Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Pamela Caroline Stocker – UFRGS
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Às mulheres maravilhosas que me motivam desde pequena a seguir meus sonhos, Flávia e Jussára.

Aos meus amigos, por toda compreensão e ajuda na trajetória, seja uma palavra amiga ou um brinde merecido.

À Laura, pelo enorme incentivo a leitura, a escrita e por me lembrar de que é possível recomeçar.

Às minhas colegas de casa, pelo amparo nos dias e noites corridos e turbulentos.

Ao teatro, por me mostrar novas formas de arte e inspiração.

Ao planetário, lugar de muitas ideias e conversas descontraídas.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela educação crítica que recebi e possibilidade de ser a primeira formada da família.

Às mulheres participantes desta pesquisa, por tudo que aprendi e senti durante o processo.

Agradeço à todos e todas que estiveram comigo durante minha trajetória acadêmica mim e puderam dividir comigo a alegria de encerrar mais um grande ciclo.

*Sou mais uma mina no meio da chama
No meio da lama
Diamantes caros, se Deus tá por mim
Então quem nos impedirá?
Não pode contra mim
Junta-se à nós e verá
Que a desculpa da puta
Foi não se purificar
Eu sei que é injusta a disputa
Mulheres não nasceram pra disputar
Disputar só afunda nós mesmas, nós
mesmas
Então, mulheres nasceram pra se
empoderar
[...]
Eles queimaram minhas asas
Arrancaram minha inocência
Só que a minha essência me fez ser
essencial
Pra ser suficiente e tocar tanta gente
E ver que essa porra toda é superficial*

(Azzy–trecho da música “1910”)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender as percepções que as *slammers* atribuem às suas experiências de participação no *Slam das Minas* de Porto Alegre, campeonato de poesia que acontece no Brasil, em relação ao empoderamento. Considerando a desigualdade enfrentada por mulheres e o silenciamento dessas vozes, busca-se ouvir o que elas têm a dizer e compartilhar com os presentes no encontro. Deste modo, elaboramos o problema de pesquisa: como as mulheres participantes do Slam das Minas – POA entendem suas vivências nesse espaço? Como objetivo geral pretende-se compreender de que maneira as participantes entendem suas vivências no evento. Para isto, através dos objetivos específicos busca-se a partir do olhar das competidoras, apreender de que forma a sua participação no coletivo e suas próprias vivências constituem-se como elemento empoderador, apresentar as trocas comunicativas e relações estabelecidas entre as *slammers* e público, descrever de que modo elas produzem narrativas a partir das poesias declamadas, examinar os elementos de representação de si presentes nas performances além de discutir qual a relação da participação no coletivo com o empoderamento. Para abordar os conceitos pertinentes à proposta de investigação, foram acionados, como aportes teóricos, autoras e autores como França (2016), Wolton (2010), Joice Berth (2018), Djamila Ribeiro (2017), Holanda (2018), Judith Butler (2003), Júlia Araújo (2018), Douglas Freitas (2017), Joan Scott (1995), Ann Oakley (2016), entre outros. No processo de pesquisa, foi usada a metodologia qualitativa, por meio da realização de observações simples e sistemáticas e entrevista em profundidade com quatro participantes. O trabalho conclui que a experiência de participar do *Slam das Minas*–POA, para as *slammers*, pode ser considerada uma forma de empoderamento, no momento em que é capaz de gerar consciência sobre opressões sofridas e ser um ato que parte do âmbito individual e alcança o coletivo.

Palavras-chave: Comunicação. Empoderamento. Slam. Mulheres.

ABSTRACT

This work aims to understand the perceptions that the slammers attribute to their experiences of participating in the Slam of the Mines of Porto Alegre, the poetry championship that happens in Brazil, in relation to empowerment. Considering the inequality faced by women and the silencing of these voices, one seeks to listen to what they have to say and share with those present at the meeting. It is intended to understand how the participants understand their experiences in the event. To do this, through the specific objectives, it is sought from the perspective of the competitors, to understand how their participation in the collective and their own experiences constitute as an empowering element, to present the communicative exchanges and relations established between the slammers and the public, to describe how they produce narratives from recited poetry, to examine the elements of self representation present in the performances, and to discuss the relationship between participation in the collective and empowerment. In order to approach the concepts pertinent to the research proposal, authors such as France (2016), Wolton (2010), Joice Berth (2018), Djamila Ribeiro (2017), The Netherlands (2018), Judith Butler (2003), Júlia Araújo (2018), Douglas Freitas (2017), Joan Scott (1995), Ann Oakley (2016), among others. In the research process, the qualitative methodology was used, through simple and systematic observations and in-depth interviews with four participants. The work concludes that the experience of participating in the Slam of the Mines - POA, for the slammers, can be considered a form of empowerment, at the moment in which it is able to generate awareness on oppressions suffered and to be an act that departs from the individual scope and reaches the collective.

Keywords: Communication. Empowerment. Slam. Women.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	TROCAS COMUNICATIVAS: UM PROCESSO RELACIONAL	14
	2.1. A comunicação marcada pela interação cotidiana	14
	2.2. Representações e performance	16
	2.3. Narrativas como representações de si	20
3.	GÊNERO E VOZ DE EMPODERAMENTO	24
	3.1. Gênero em movimento	25
	3.2. A busca pelo empoderamento	29
	3.3. Direito à palavra	32
4.	A VOZ DO SLAM	35
	4.1. Apresentação do <i>Slam</i>	36
	4.2. Movimento do <i>Slam</i> pelo Brasil e Rio Grande do Sul	37
	4.3. Poesia contamina: <i>Slam das Minas</i>	39
5.	A VOZ EMPODERA: O EMPODERAMENTO NA VISÃO DAS SLAMMERS	42
	5.1. Quem são as <i>slammers</i> ?	45
	5.2. Trocas comunicativas	48
	5.3. Performances	52
	5.4. Narrativas	55
	5.5. Descobrimo o “empoderamento que elas já têm”	57
6.	CONCLUSÃO	61
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA	69
	APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM PROFUNDIDADE	70
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO	71

1 INTRODUÇÃO

A dificuldade das mulheres em se comunicar e serem ouvidas, é uma questão interessante para este trabalho. Queremos dar visibilidade a figurina feminina no que diz respeito às segregações da sociedade, a partir das potencialidades do espaço político, criativo e público, buscamos ouvir e expor criticamente experiências que circulam na rua e nos movimentos culturais protagonizados por mulheres. Deste modo, damos ênfase aos atos comunicativos estabelecidos nas relações sociais, que estão presentes no cotidiano de quem explora a cidade e ajuda a fomentar a arte urbana.

A desigualdade oriunda de um sistema que desvaloriza a cultura, a educação e faz com que as mulheres sejam coadjuvantes precisa ser evidenciada. Caso contrário, continuaremos excluindo e marginalizando grupos minoritários que têm muito a dizer. Conforme Ribeiro (2017), a vulnerabilidade social vivenciada por mulheres, negros e LGBTs é ditada por um grupo dominante que possui legitimidade de fala, detenção do conhecimento e criação de discursos que são amplamente divulgados e entendidos como universais, o que acaba por discriminar indivíduos que não são contemplados por esses enunciados.

As diferenças existem, mas elas não devem ser encaradas com discriminação. Precisamos reconhecer outras perspectivas e, assim, o outro. Sobre isso versa a comunicação baseada na convivência, sugerida por Wolton (2010). Entender que estamos situados em um mundo gigantesco, repleto de pessoas, diferentes de nós, seres pensantes com ideias próprias e únicas, que vivem em contextos distintos, é essencial. Se não, segundo França (2016), estamos ignorando a existência da alteridade e a consequência é esbarrar na “incomunicação” (WOLTON, 2010).

É neste cenário que o *Slam*, competição de poesia falada, está contextualizado. O movimento surgiu nos Estados Unidos em 1980, chegou ao Brasil recentemente, mas vem ganhando força a cada dia e com rapidez se dissemina pelo país. A pluralidade dessa manifestação artística é algo surpreendente, e o objeto desse estudo é uma das ramificações da atividade, o *Slam das Minas* de Porto Alegre (POA). Nele, competem apenas mulheres, denominadas *slammers*. O encontro nesse formato possibilita uma contraposição diante do protagonismo masculino presente em muitos espaços, já que é um local em que as competidoras ocupam posição de destaque. O evento é itinerante, mas a maior parte das edições ocorre em espaço público. Tem duração média de uma hora e meia e cerca de três

slammers participam com poesias que versam sobre temáticas como feminismo, racismo, sexualidade, amor, entre outras. O público assiste de perto, em roda, e interage de acordo com as apresentações.

O interesse por pesquisar o tema surge a partir de inquietações pela poesia como forma de expressão, pela vontade de conhecer mais produções femininas, problematizar a presença das mulheres nos espaços, e também pela ânsia de entender o que as ruas falam. Por um bom tempo, refletimos em como abarcar todas essas questões e de que forma abordá-las, até que a reflexão foi amadurecendo. Após algumas discussões, compreendemos que o *Slam das Minas - POA* era um lugar que contemplava as dimensões de pesquisa pensadas. Então, foi o momento de planejar a abordagem. O movimento cultural pesquisado despertou muita curiosidade antes mesmo de se tornar o objeto deste estudo. Percebemos que teríamos muitos elementos para explorar no campo, e aqui buscamos contemplar parte de um todo que por sua grande abrangência possui ainda diversos pontos a serem explorados em outras pesquisas.

Focando a experiência das mulheres em sociedade e como *slammers*, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: “Como as mulheres participantes do *Slam das Minas - POA* entendem suas vivências nesse espaço?”

Como objetivo geral, procuramos entender, a partir do olhar e perspectivas das *slammers*, de que forma a sua participação no coletivo e suas próprias vivências se constituem como elemento empoderador. Para isso, pensamos em quatro objetivos específicos: analisar as trocas comunicativas e relações estabelecidas entre as *slammers* e o público; observar quais temáticas são mais presentes nas poesias declamadas; compreender quais motivos levaram as *slammers* a participar do *Slam das Minas - POA* e, por fim, discutir como a participação no coletivo se relaciona ao empoderamento.

Entendemos que a luta das mulheres por igualdade de gênero e contra opressões vem de longa data. Não poderíamos deixar isso passar pelo nosso olhar crítico, sem que pudéssemos contribuir de alguma forma a favor das mulheres. Além disso, o referencial teórico sobre o *Slam*, de forma geral, é bastante escasso no Brasil e no que se refere ao *Slam das Minas - POA* inexistente.

Mobilizamos autores de diferentes áreas para que fosse possível dar conta das inquietações deste estudo, a partir dos conceitos de trocas comunicativas, comunicação relacional e narrativas, trabalhados por Vera França, Dominique Woltone Bruno Guimarães. Apoiamo-nos nas pesquisas de Lúcia Santaella, Stuart Hall e Serge Moscovici sobre representações. Os trabalhos de Joan Scott,

Heloisa de Hollanda, Celi Pinto, Djamila Ribeiro, Ann Oakley e Joice Berth nos ajudaram a conceituar gênero e empoderamento.

Para atingir os objetivos propostos, foi elaborada uma pesquisa qualitativa, na qual um estudo de campo foi realizado por meio de observações simples, iniciadas em setembro de 2018, e sistemáticas, nos encontros mensais do *Slam das Minas – POA*, de janeiro a abril de 2019. Além disso, realizamos entrevistas em profundidade com quatro *slammers*: Ryane, Fernanda, Angélica e Lilian. Seus nomes foram trocados por outros de forma a preservar o anonimato. As observações foram efetuadas e analisadas de acordo com Gil (2008), já as entrevistas tiveram como base teórico-metodológica as orientações de Duarte (2004).

A presente pesquisa estrutura-se em cinco capítulos. No primeiro, abordamos a questão das trocas comunicativas e a comunicação relacional, capaz de produzir experiência e tocar o outro, com base nos conceitos de Vera França (2016) e Dominique Wolton (2010). Também discutimos representações e performance a partir de Santaella (1983), Stuart Hall (2016) e Serge Moscovici (2012). Por fim, exploramos o conceito de narrativas e representações de si, delineados por França e Guimarães (2006).

No capítulo subsequente, descrevemos de forma ampla os conceitos de gênero e feminismo, a fim de expor algumas formas de violência, desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais as quais as mulheres estão submetidas. Para isto foram acionadas as autoras Joan Scott (1995), Ann Oakley (2016), Judith Butler (2003), Celi Pinto (2003), Heloísa de Holanda (2018) e Carla Akotirene (2018). Além delas, mobilizamos Joice Berth (2018), Angela Davis (2017) e Djamilia Ribeiro (2017) para discutir o empoderamento e lugar de fala.

No capítulo seguinte, apresentamos o *Slam* como um todo, enfatizando suas especificidades no Brasil e Rio Grande do Sul, com destaque para o *Slam das Minas - POA*. Para tanto, os autores Júlia Araújo (2018) e Douglas Freitas (2017) foram mobilizados.

No capítulo posterior, demonstramos os dados da pesquisa empírica sobre a experiência da participação das *slammers* no *Slam das Minas - POA*. Neste item estão as informações sobre a metodologia. Contamos como ocorreram as entrevistas e observações. A partir da análise, apresentamos as competidoras, suas narrativas e vivências no encontro. Além disso, relatamos como a atuação dessas mulheres no evento tem relação com o empoderamento.

No último capítulo, apresentamos as considerações finais, retomando o percurso da pesquisa e indicando possibilidades de aprofundamento investigativo acerca da temática abordada.

2 TROCAS COMUNICATIVAS: UM PROCESSO RELACIONAL

A comunicação está presente nas relações entre os indivíduos em sociedade. Além de ser uma expressão humana, é um fenômeno sociocultural, possui capacidade de construir laços, criando, assim, um processo relacional. Nesse aspecto, é necessário enxergar na comunicação seu caráter de compartilhamento, em que sujeitos, inseridos em determinadas situações, irão agir através da linguagem, produzindo e estabelecendo sentidos, construindo uma relação e assumindo uma posição dentro dela. É preciso entender que, para analisar essas trocas comunicativas em sua maior amplitude, é indispensável abrir o olhar para o fato de que os indivíduos têm poder de escolha, vivem em contextos diversos, são seres pensantes e possuem diferentes perspectivas sobre o mundo. Portanto, a comunicação produz experiência, sendo capaz de tocar o outro. Para França (2016), esse movimento de afetação nos seres humanos, é algo bastante complexo; longe de ser uma cadeia linear de estímulo-resposta, têm dupla finalidade, é uma dinâmica de ida e volta, marcada pela reflexividade.

Aqui, nos interessa a maneira como as trocas comunicativas acontecem em determinados espaços, bem como analisar a construção das relações estabelecidas pela comunicação. Há diversas formas de enxergar os processos comunicacionais, assim como falar sobre eles e interpretá-los:

É a concepção que os pesquisadores deste campo desenvolvem sobre aquilo que eles vão recortar e analisar na realidade; o objeto de estudos da comunicação é uma ideia de comunicação, um conceito, com a ajuda do qual se pode distinguir e apreender, no campo do empírico, algo que chamamos e entendemos como comunicação. (FRANÇA, 2016, p. 157).

Neste capítulo iremos discutir a comunicação através da interação em seu formato relacional. Também veremos algumas características das narrativas com foco no cotidiano e, por fim, apresentaremos conceitos referentes à performance e à representação de si.

2.1 A comunicação marcada pela interação cotidiana

O ato comunicativo provém das relações humanas: viver é estar em interação. “Na história da humanidade, de maneira resumida, as formas de

comunicação iniciaram pela oralidade” (VIEIRA, 2012, p. 57). Posteriormente, as tecnologias de produção ganham força e o alfabeto (1700 a.C.) é inventado, passando a ser um dos principais instrumentos de transmissão e comunicação. Até a chegada do papel, quando se inicia outra evolução tecnológica comunicativa: a tipografia, no século XV, criada por Gutemberg. Houve então um grande progresso das tecnologias da comunicação em um século: “Telefonia (1880), rádio (1990), televisão (1930), informática (1940), redes (1980)” (WOLTON, 2010, p. 21).

Comunicamo-nos para afetar (de alguma maneira) o outro. A experiência aqui surge da alteridade (FRANÇA, 2016), é preciso estar aberto para sentir o outro. Essa interação é bastante complexa, pois estamos em relação com outros indivíduos que, assim como nós, possuem formas de se expressar e conhecimentos específicos. A reflexão é essencial, como diz França (2016), pois trabalha-se com a consciência do outro (quem ele é, como está reagindo ou irá reagir) e autoconsciência (consciência da própria atuação e formas de expressão). Pode-se dizer, então, que vivências se atravessam e geram experiências de alteridade, assim como os discursos oriundos dessas relações – o que nos leva a refletir sobre o potencial de afetação da comunicação que existe nas interações. A pesquisadora enxerga o sujeito da comunicação com um viés relacional:

Concebido como sujeito em relação, ele é produzido na ação de afetar e ser afetado pelo outro através da mediação dos materiais significantes que o cercam e com os quais lida cotidianamente e – algo decisivo – surge aberto ao acontecimento, ao imprevisível. (FRANÇA, 2016, p.16).

Assim, a comunicação se propõe a realizar a mediação entre as pessoas no cotidiano. Cotidiano esse que, muitas vezes, é menosprezado, mas que importa muito a este trabalho, já que as interações comunicativas cotidianas situam os sujeitos no mundo, oferecendo-lhes vínculos de pertencimento e domínios de sociabilidade. Nesse sentido, Wolton (2010) busca repensar a comunicação, pontuando suas características a partir da interação e frisando que comunicar é conviver. O teórico diz que saber administrar a convivência é um ponto chave do processo comunicativo. Para ele, a comunicação se dá por três principais motivos: a necessidade de compartilhar, a sedução e a convicção. “O ideal da comunicação está evidentemente ligado ao compartilhamento, aos sentimentos, ao amor.” (WOLTON, 2011, p.12)

Limitar a comunicação a um processo de transmissão ou simples troca de informação, segundo França (2016), empobrece o estudo, na medida em que “direciona a análise para captar uma divisão fixa de papéis, ordenados numa dinâmica linear, negligenciando o agenciamento humano, a natureza simbólica da linguagem, a reflexividade e recursividade do processo”. (FRANÇA, 2016, p. 158). É como ignorar a existência da alteridade.

A comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela. (FRANÇA, 2016, p.158).

Dessa forma, percebemos como a interação é importante, e ela nem sempre consistirá em argumentos falados. Wolton (2010), por exemplo, afirma que “cada um sabe bem, no entanto, que um gesto, um olhar ou um sorriso podem dizer muito mais do que palavras, sem falar do silêncio que muitas vezes afirmam o contrário das palavras e dos gestos”. A interação é marcada também pelas ações dos envolvidos, que desejam demonstrar seu modo de ver o mundo e, nesse conflito, podem esbarrar na “incomunicação”, que, segundo Wolton (2010), acontece quando o receptor não está sintonizado ou discorda das mensagens.

É nisso que admitir a incomunicação supõe a aceitação das relações humanas e sociais igualitárias. Por trás da incomunicação, surge, portanto, a realidade fundamental da alteridade, que todos nós já experimentamos. (WOLTON, 2010, p.90).

Esse ponto deve ser observado com atenção, já que, quando aberta uma negociação por meio da convivência em busca de um acordo, diferentes narrativas se encontram e conversam entre si. “Não há como pensar o funcionamento de qualquer discurso sem considerar que os sujeitos envolvidos se movimentam e ocupam posições que lhes são anteriores” (BENETTI, 2016, p. 237). Nesse sentido, explicaremos como as representações – e a performance – dos indivíduos em relação implicam nos processos comunicacionais.

2.2 Representações e performance

Partindo da perspectiva de que a realidade é constituída a partir de aspectos objetivos e subjetivos, o conceito de representação possui vasto significado, que

varia entre os mais diversos campos científicos como Filosofia, Psicologia e Comunicação. Essa conotação multidisciplinar enriquece o conceito, refletindo e conectando sua complexidade.

Dentro da semiótica, alguns autores como Lucia Santaella conceitualizam o termo representação como algo que ajuda a compreender os fenômenos à nossa volta. É uma noção fortemente ligada à ideia de signo, que, por sua vez, é tudo o que nos faz lembrar e relacionar coisas perceptíveis aos nossos sentidos em determinado espaço e tempo (SANTAELLA, 1983). Assim sendo:

[...] o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem. (SANTAELLA, 1983, p.2).

Nesse sentido, a representação vai além das imagens. Ela implica em efeitos de interpretação, ligados às estruturas que perpassam todo tipo de expressão (verbal, textual, imagética), independentemente de gêneros, tecnologia, ou suportes utilizados para tal.

Na visão de Stuart Hall (2016), a representação é um processo pelo qual os membros de uma cultura utilizam a linguagem para produzir sentido. Ele acredita que as representações partilhadas entre os sujeitos são constituidoras da cultura.

Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias, sentimentos. A linguagem é um dos meios através do qual ideias e sentimentos são representados numa cultura. (HALL, 2016, p.18).

Entendemos esta forma de construção simbólica como essencial à consolidação das práticas coletivas e ao estabelecimento de saberes. Para o autor, é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado ao mundo. Ou seja, em parte, a representação caracteriza-se através dos significados que atribuímos ao material e imaterial pelo que somos. E, em parte, a significação surge da maneira como

utilizamos essa (i)materialidade em nosso cotidiano. Sendo assim, as práticas sociais são organizadas, influenciadas e conduzidas pelas representações, tendo efeitos práticos e reais.

Serge Moscovici (2012), com suas pesquisas em psicologia, colabora com os estudos das representações. Seu trabalho se debruça sobre o que ele denomina “representação social”. O pesquisador propõe uma atualização à perspectiva de Émile Durkheim, que defendia a separação entre as representações individuais e as coletivas. O sociólogo Durkheim acreditava que as representações individuais são a base das pesquisas da Psicologia, enquanto as coletivas são da Sociologia e, portanto, não há como explicá-las a partir dos mesmos fenômenos sociais.

Para ele, “as representações coletivas abrangiam uma cadeia completa de formas intelectuais que incluíam ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, etc.” (MOSCOVICI, 2012, p. 46). Ou seja, toda emoção/crença que surgisse em uma comunidade era incluída nessa visão. Para Moscovici (2012), esses fenômenos são específicos e têm relação com o modo de compreender e de comunicar o que já sabemos, e por isso precisam ser descritos e explicados separadamente. Assim, o teórico sugere a utilização do termo “social” para enfatizar a qualidade dinâmica das representações fazendo uma contrapartida à concepção de Durkheim.

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se cruzam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. (MOSCOVICI, 2012, p. 10).

Sendo assim, as representações estão nas trocas comunicativas, são marcadas pela interação. A partir das ideias de Moscovici (2012), entende-se que as representações não são produções absolutas, mas construções que apresentam tensões e conflitos em suas estruturas internas e externas. As representações circulam na sociedade, sendo reconstruídas por meio de compartilhamento simbólico.

Dessa forma, é possível notar o caráter coletivo que a representação assume. “Representações podem ser tomadas como sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de

ideias desenvolvidas por uma sociedade.” (FRANÇA; GUIMARÃES, 2006, p. 100) Aqui já não se trata apenas do sujeito representado, mas do sujeito representando sua vivência socialmente. França (2001) afirma que, para além da ordem individual, a vida cotidiana, vivida enquanto representação, pode ser considerada uma encenação de diferentes papéis.

Assim, podemos relacionar representação e performance. A performance tem sido vista como uma maneira de dar vida a muitas ideias formais e conceituais do ser humano. A partir das apropriações de França (2001), remetemos à análise de Goffman (2007), que, em seus trabalhos, utiliza a perspectiva dramatúrgica e metáforas para analisar as interações sociais. Segundo o autor, aprendemos e transitamos entre múltiplos papéis: o papel de jovem, de mulher, de estudante, etc. Fazemos isto de forma automática – para manter a ordem social, para conviver, para sobreviver socialmente. Ele explica que o interesse geral dos sujeitos é regular sua conduta, por meio da manipulação do que será exposto em cena (do que se quer transmitir). Nesse momento, então, é fabricada uma representação. Ensaíamos nossa performance para evitar erros ou passos em falsos, sem que descubram nossas imperfeições. Devemos atuar de modo mais verossímil possível. Para o pesquisador:

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interessem, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes não será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social outradição a qual pertença (GOFFMAN, 2007, p. 67).

Deste modo, é através da representação ou *performance* que buscamos constantemente regular nossa conduta e quem somos. Goffman acredita que, para fora do palco, é necessário compreender as vivências dos indivíduos observando o cotidiano além de suas meras interpretações. França complementa: “o cotidiano é atravessado pelos contrários, e é essa ambiguidade que constitui a substância da experiência” (FRANÇA, 1996, p.30). Isso possibilita formas de representação e, principalmente, de pensamento – a representação de si – que diz respeito a si mesmo, um olhar para “dentro”, que dialoga tensionando as visões pré-estabelecidas e as diferentes ideias produzidas sobre quem são as pessoas e quais os seus papéis dentro da sociedade.

A partir dessa articulação teórica, demonstro neste capítulo como a experiência de performance das *slammers* pode ser capaz de impactar o público. Este trajeto contribui na compreensão de como essas vivências se cruzam no contexto do *slam* através da fala e da escuta. Tais conceitos são um importante ponto de partida para pensar o lugar das narrativas, essas resistentes, duradouras e eficientes maneiras de representação de si no *Slam das Minas - POA*.

2.3 Narrativas como representações de si

Sintetizar o amplo conceito de narrativa é um grande desafio diante de tantos estudos sobre o tema que partem da psicologia, perpassam a linguística e ainda continuam na comunicação e demais áreas. O conceito a ser explorado nessa análise é baseado especialmente na perspectiva relacional: diz respeito a narratividade como prática social, uma mediação entre os acontecimentos e o público que carrega elementos de identificação. E é nas narrativas que a representação de si – a construção de relatos de pessoas e grupos sobre si mesmos – acontece e pode ser estabelecida desde simples criações até as mais complexas.

Sendo assim, é preciso levar em consideração que o indivíduo possui diversas características, desejos, ideologias, particularidades estas que nem sempre percebemos em um primeiro momento, e as narrativas são construídas por estas pessoas. Sobre isso, França e Guimarães observam que:

Pesquisar as narrativas, portanto, constitui uma perspectiva analítica que tenta compreender não só a complexidade dos vínculos sociais, tal como encenados, performados, no mundo contemporâneo, como também as diferenças que essa forma peculiar de organização do mundo apresenta, implica, desdobra, aos sujeitos, à experiência, aos saberes, aos cotidianos. (FRANÇA; GUIMARÃES, 2006, p. 20).

Atenta-se aqui para um importante ponto no estudo das narrativas, a construção de identidade, que tem relação direta com os discursos, objetos, simbologias que nos colocam no mundo, situam nosso lugar com relação a outro (lugar) e aos outros (sujeitos). A identidade “se constrói nessa intersecção entre discursos que nos posicionam e o nosso movimento de nos posicionarmos enquanto sujeitos no mundo.” (FRANÇA, 2002, p. 28). A narrativa é também uma ferramenta ideológica, com sentidos, passível de gerar significados, identidades e memórias,

individuais e coletivas. Possibilita apresentar as pessoas, a vida cotidiana e permite interações sociais.

As narrativas são uma prática comunicativa. Tem-se então que, na comunicação, elas amparam múltiplos significados. De forma tradicional, a construção midiática de narrativas possui reverberações na vida dos sujeitos através de programas de televisão, jornais impressos, internet e afins. O discurso da mídia ecoa na sociedade, se apresenta nas interações da rua, no espaço aberto das trocas cotidianas. Considerando que os indivíduos são seres pensantes, donos e contadores de suas próprias histórias devemos entender que

Os dispositivos midiáticos, portanto, não são vistos como únicos determinantes nem dos limites das narrativas, nem de sua pragmática. Isso não é dizer que eles sejam indiferentes. Ao contrário. As narrativas produzidas ao mesmo tempo na mídia, nas ruas, na história, nas realidades e na vida social, constituem-se exatamente nos embates, nas interfaces entre as diversas forças, os diversos poderes, saberes, lugares. (FRANÇA; GUIMARÃES, 2006, p. 26).

Compreendendo esse vínculo entre narrativas midiáticas e narrativas pessoais, nos interessa evidenciar o modo como as pessoas realizam narrações sobre si mesmas, que neste trabalho definimos por “narração de si mesmo”. Com o uso desta expressão, buscamos colocar em destaque os autores destes discursos, afirmando a construção de uma perspectiva que se move em direção aos sujeitos e espaços cotidianos, agora realizada não mais por um meio, mas sim pelos próprios indivíduos. A narração pode ser tanto textual como verbal, a escolha do gênero utilizado cabe a cada pessoa, que julgará qual a melhor forma de representar a si. Dessa maneira, é importante observar e considerar os mais variados tipos de expressões.

A vida cotidiana, por sua complexidade de difícil apreensão para a análise teórica, muitas vezes se deixa flagrar por manifestações de linguagem fora dos parâmetros da objetividade do discurso científico, no entanto, muitas manifestações como a poesia e a música podem revelar toda uma ordem que a estrutura e a norteia. (FRANÇA; GUIMARÃES, 2006, p. 37).

Nosso objeto de estudo é um movimento poético, capaz de expressar e despertar diversos sentimentos. É uma ferramenta que têm o poder de evidenciar o mundo em versos, de comunicar nossa realidade e quem somos. Como relata Mel Duarte em entrevista para o Brasil de Fato:

Eu falo sobre muita coisa. Mas tem muito o ponto da questão da mulher negra na sociedade. Por eu ser uma mulher negra, a gente sabe que tem toda essa questão da invisibilidade das mulheres negras na literatura, acho que isso é uma coisa muito importante de pontuar e de contar a minha história através da minha própria voz. (ODARA, 2017).

Optamos então por utilizar como exemplo de representação de si mesmo e experiência cotidiana o poema de uma *slammer* cujo codinome é Proletária, recitado no *Slam das Minas – POA* do mês de abril:

Não tem jeito, se eu tô perdida é que eu tô me achando bonita de tudo que é jeito, me entendendo, me olho no espelho e penso: porra! Zero defeitos. Encontrei a mulher da minha vida, ela tava toda encolhida com mil e uma feridas não acreditava em nada que eu dizia. Pra quem nunca foi amada, autoajuda é hipocrisia. Que era estranha e feia era tudo que escutava enquanto ela crescia.

Mas só senti, eu senti e entendi o quando eu vi o que antes eu não via, o plano tinha dado errado e era você que passava ao meu lado, só eu que não sabia. Eu não consigo mais acreditar em como eu acreditava em cada mentira que você dizia.

Parecia que eu queria me convencer de que as palavras poderiam preencher de sentimentos me tornar menos vazia por dentro, mas amor não é só poesia, esse final de semana eu não consegui nem visitar meus pais, ultimamente nem o menos. Mas eu sei que já fui mais. (PROLETÁRIA, 2019).

O cotidiano movimento da rotina recitado nos versos acompanha o decorrer dos dias, revela a passagem do tempo. A partir das narrativas (temas) é possível representar o passado e o presente, imaginar o futuro. Pensando na representação de si, a autora é aquela que escreve sua poesia. Podemos perceber que o conteúdo do poema necessariamente passa pela poetisa e a poetisa passa pelo conteúdo ao tentar tocar o público através do seu escrito e sua performance. Além de contar sua própria história, com suas próprias palavras, ela a conta a partir das suas expressões, do seu jeito, o eu olha para si mesmo, para seus sentimentos e vontades, a poeta influi no conteúdo e é influenciada por ele em sua performance. Ao mesmo tempo, está compartilhando seus escritos com a plateia.

Diante disso, pretendemos focar, no capítulo seguinte, principalmente o emissor da mensagem, ou melhor, as emissoras da comunicação. No quadro das muitas exclusões que sofrem as mulheres, o estudo volta-se, sobretudo, para o aspecto do acesso à palavra, da “aparição” da mulher no universo das

representações sendo protagonista de si mesma. Busca-se, portanto, entender como a participação das *slammers* e os processos comunicacionais contribuem para o empoderamento das mulheres ao longo de sua trajetória no *Slam das Minas - POA*.

3 GÊNERO E VOZ DE EMPODERAMENTO

*Verdade seja dita:
 Você que não mova sua pica para impor respeito a mim
 Seu discurso machista machuca
 E a cada palavra falha
 Corta minhas iguais como navalha
 NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!
 Violada, violentada
 Seja pelo abuso da farda
 Ou por trás de uma muralha.
 Minha vagina não é lixão
 Pra dispensar as sua tralhas
 Canalha!
 [...]*

(Mel Duarte)

Ao estudarmos os processos comunicacionais, as narrativas e a representação de si identificados no *Slam das Minas - POA*, foi possível perceber o impacto que este evento produz na vida das *slammers*. Através da voz, as poetas compartilham na roda suas vivências, trazem questionamentos políticos e sociais, expõem seus sentimentos pessoais, assim como trazem à tona percepções coletivas. Colocar-se em evidência é um ato de coragem e empoderamento para as competidoras, pois, historicamente, é incomum que mulheres estejam em posições de protagonismo. Mel Duarte, uma das fundadoras do *Slam das Minas* de São Paulo, reflete sobre a agressividade necessária no *slam* em depoimento coletado para o livro *Explosão Feminista*: “Hoje percebo que quando queremos trazer para a poesia as nossas pautas, não dá para ser muito delicada. Temos que vir com os dois pés na porta para as pessoas conseguirem entender que discutir a pauta das mulheres é uma urgência.” (HOLLANDA, 2018, p.135).

A importância desse espaço como um lugar de fala para as mulheres, a presença do corpo, da voz como ferramenta de poder e manifestação constituem elementos que precisam ser estudados. Nesse sentido, a seguir, começamos fazendo um breve histórico do termo gênero e sua relação com o feminismo para situar melhor a nossa pesquisa.

3.1 Gênero em movimento

A história da nossa sociedade é marcada por diversas lutas sociais em busca de direitos. Para este trabalho, é importante pensarmos onde e como as mulheres estão localizadas nesse contexto, já que estamos estudando um movimento composto apenas por mulheres cisgênero e transexuais¹. Com isso, é imprescindível falarmos sobre gênero, termo este que gera diversas discussões entre muitos campos de estudo, como a Sociologia, História, Psicologia, entre outros.

A historiadora Joan Scott defende a ideia de que o conhecimento histórico não é apenas registro das mudanças nas estruturas sociais, mas é, também, uma ferramenta capaz de participar da produção do saber sobre a diferença sexual. Segundo a autora, o termo “gênero”, inicialmente, era utilizado praticamente como sinônimo de mulher: “esse uso do termo ‘gênero’ constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80” (SCOTT, 1995, p.75).

Quando falamos sobre gênero, levantamos outros aspectos relacionados ao tema, como sexo, identidade de gênero e orientação sexual. A autora Ann Oakley, em sua obra *Sex, Gender and Society*, publicada originalmente em 1972, afirma que:

“Sexo” é uma palavra que se refere às diferenças biológicas entre machos e fêmeas: as diferenças visíveis nas genitálias, a diferença relacionada na função reprodutiva. “Gênero”, por outro lado, é uma questão de cultura: refere-se à classificação social de “masculino” e “feminino”. (OAKLEY, 2016, p. 16)

Ou seja, o sexo é uma característica física, identificada no nosso nascimento. O gênero, por sua vez, pressupõe influências sociais, diretamente relacionadas com a cultura, as normas comportamentais e a educação que recebemos. Os comportamentos muitas vezes são vistos como naturais de cada sexo. A filósofa Judith Butler (2003) questiona essa “naturalidade” posta a sexo e gênero, uma vez que, em sua concepção, a subjetividade e as relações de poder estão articuladas a estas questões. A autora critica a noção de gênero como essência, entendendo-a como uma construção social para o domínio da sexualidade. A teoria da pesquisadora busca legitimar as mais variadas manifestações de sexualidade, bem

¹ Cisgênero é o indivíduo que se identifica com seu sexo biológico de nascença. Já as pessoas transgênero são aquelas “que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado no nascimento”. (ANTUNES, 2019).

como desnaturalizar as identidades binárias presentes no sexo masculino e feminino. Para a autora:

[...] a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção. (BUTLER, 2003, p. 197).

Dessa forma, Butler indica que o “original” é na verdade o efeito de um discurso originário, que de maneira histórica e contínua se inscreve nos sujeitos e nas relações entre eles, originando corpos que, com o passar do tempo, adquirem o status de originais. Nesse sentido, identidade de gênero é um processo identificatório, é a maneira como o indivíduo pensa sobre si mesmo. Segundo Butler isso se dá por um conjunto de convicções socialmente construídas.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2003, p. 20).

Portanto, torna-se impossível falar sobre gênero sem discutir e entender onde e como as mulheres estão localizadas nas relações sociais. Partindo da perspectiva de que a mulher sofre com a desigualdade de gênero e opressão na sociedade, entendemos que isso ocorre porque vivemos em um sistema patriarcal. Segundo Adriana Piscitelli (2009, p. 132), o patriarcado “[...] é um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem”. Dentro dessa estrutura, os homens recebem salários maiores em relação às mulheres, muitas delas realizam jornada tripla: além do trabalho formal (quando o têm), são mães e “donas de casa”, exercendo trabalho reprodutivo e doméstico não remunerado.

Para Luce Irigaray, “Essa injustiça econômica, no sentido estrito, está associada a uma política que mantém a ilusão igualitária”. (2018, p. 159). A pesquisadora afirma que as mulheres são “reféns da economia e da cultura de entre-

homens que nada tem de universal, a não ser pelo apagamento da diferença sexual.” (IRIGARAY, 2018, p. 159).

No Brasil, segundo Celi Pinto (2003), o feminismo vem se desenvolvendo desde o século XIX, passando por muitas transformações até chegarmos aos dias de hoje – período que a autora Heloisa de Holanda (2018) chama de terceira onda feminista. É importante termos consciência de que o feminismo busca evidenciar e erradicar a desigualdade entre homens e mulheres, e que muitas pautas desse movimento estão ligadas a direitos políticos, além de possibilitar às mulheres outras formas de se posicionar e se expressar, como, por exemplo, o empoderamento e a chance de falar em seu nome.

Os direitos conquistados não ficam estanques: estão sempre sujeitos ao avanço ou retrocesso. Por este motivo, as lutas feministas são contínuas, buscando acabar com conceitos tradicionais de dominação, afirmando-as enquanto cidadãs. Não por acaso, em 1970 as mulheres da segunda fase do feminismo no Brasil, de acordo com Pinto (2003), reivindicavam participação eleitoral, batalhavam pelo direito de votar, candidatar-se e se eleger. Na década de 1980, as feministas começaram a ocupar cada vez mais cargos na política e, com isso, temáticas como a violência contra a mulher e sua insubordinação em relação aos homens passaram a ser evidenciadas. Sobre isso, Pinto, discorre:

A questão da violência contra a mulher foi sempre tratada no Brasil como um tema tabu, restrito à esfera privada. A posição do homem como portador do direito de vida ou morte sobre aqueles sob seu teto tem raízes na casa-grande escravocrata. A mulher naquela situação era frequentemente objeto de estupro. Ou era a mulher branca, que se submetia ao homem por este ser seu dever de esposa para reproduzir a prole, ou era a mulher negra, objeto de desejo do homem branco que se permitia com ela prazeres não permitidos na casa-grande. A não submissão dessas mulheres ao poder do homem justificava a violência. Somava-se a esse poder de mando a moral católica e sexista que reinava no país e que constituía as mulheres como sujeitos submissos e castos desde a mais tenra idade, estabelecendo esse como o único padrão aceitável de feminilidade. (PINTO, 2003, p.80).

Isso a motivava a demanda das mulheres a se fortalecer. Por questões como essa, percebemos a importância de movimentos como o *Slam das Minas - POA*, que ajudam a fomentar discussões sobre as formas de violência contra a mulher, debatem as imposições sociais, tensionam a ordem pré-estabelecida de padrões atrelados às mulheres, fortalecendo a luta contra o patriarcado. Para entendermos melhor o contexto do *Slam das Minas - POA*, partimos para a terceira onda

feminista, que ganhou forma no final dos anos 80, com a feminista Teresa de Lauretis usando pela primeira vez “o termo *queer* como atravessamento das barreiras de gênero” (HOLLANDA, 2008, p.18).

A teórica propõe a noção de tecnologias de gênero, caracterizando-as como dispositivos “que imprimem nos discursos sociais a ideia do que é ser homem ou mulher, que adequam os corpos aos limites dos gêneros, domesticam o desejo e imprimem normas a serem seguidas.” (HOLLANDA, 2018 p.18). Sobre isso também discorre Judith Butler em 1990, com a publicação de “Problemas de gênero”. Para ela, é impossível falar em teoria *queer* sem refletir a categoria de gênero como fluido, socialmente construído, performado e sistêmico, conforme vimos acima.

Chegamos então ao século XXI, momento em que o acesso à internet se ampliou no Brasil². Cristiane Costa aponta que as redes sociais, por volta de 2010, passam a ser um importante mecanismo de mobilização política. Em sua perspectiva, “as redes se mostraram ainda uma base suficientemente flexível para articular as múltiplas posições identitárias feministas dentro das lógicas interseccionais indispensáveis para a expressão de novos ativismos das mulheres.” (COSTA *apud* HOLLANDA, 2018, p. 47). Conforme a autora,

Recentemente, as mídias tradicionais têm abarcado com mais frequência temas minoritários, como diversidades e injustiças relacionadas a gênero, sexualidade e padrões de beleza. Essa virada certamente é fruto da pressão das redes. (COSTA, 2018, p. 55).

Além disso, as redes sociais são ferramentas de articulação. O *Slam das Minas - POA* divulga seus eventos e publicações através de suas páginas do *Facebook* e *Instagram*.

Contudo, não podemos esquecer que nenhuma narrativa pode ser considerada universal, pois existem sujeitos diferentes entre si, que partem de lugares, classes e raças distintos. Como bem coloca a pesquisadora negra Stephanie Ribeiro:

Precisamos enfatizar que não existe uma MULHER, existem MULHERES. Portanto, não existe FEMINISMO, existem FEMINISMOS. Caso isso não fique explícito, nós, negras, e todas as outras mulheres socialmente marcadas por opressões (indígenas, asiáticas, deficientes, trans) seremos engolidas e colocadas como coadjuvantes em uma luta que sempre

²Conformematéria do Nexo Jornal, “cerca de 6 em cada 10 brasileiros acessam a internet de alguma forma, mas o meio de acesso (celulares, tablets ou computadores) varia por idade e renda”. (ZANLORENSSI; ALMEIDA, 2017).

pretendeu, pelo menos em seus discursos, emancipar todas as mulheres. (RIBEIRO, 2018, p.263).

Na obra “O que é interseccionalidade?” A autora negra Carla Akotirene (2018) propõe pensar de forma interconectada os sistemas de opressão aos quais um indivíduo pode estar submetido – especialmente a mulher negra. Para a pesquisadora, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. (AKOTIRENE, 2018, p. 14). Isso demonstra como gênero e feminismo não podem ser compreendidos globalmente de forma hegemônica; é preciso considerar a localização dos sujeitos, populações e nações atravessadas pelas diferenciações de raça e classe.

É preciso reconhecer a pluralidade desse movimento para que possamos entender suas particularidades com um olhar crítico e consciente. Notamos, ao longo deste subitem, como gênero e feminismo estão relacionados, suas diversas transformações, tanto em relação a articulações políticas e formas de manifestações, como em produções teóricas e tipos de ativismo. Tais reflexões são importantes para compreendermos nosso objeto de estudo, juntamente com as questões de empoderamento e lugar de fala que veremos a seguir.

3. 2 A busca pelo empoderamento

No livro *O que é empoderamento?*, Joice Berth traz diversas discussões sobre a expressão “empoderamento”, que tem sido extensamente utilizada, embora seja um termo ainda novo nas teorias sociais. No Brasil, a palavra surgiu a partir de um neologismo de Paulo Freire. Sua origem vem da expressão em língua inglesa *empowerment*, derivada da palavra *power*. Foi o psicólogo Julian Rapport que cunhou o termo em 1977, para dizer que era necessário fornecer ferramentas de libertação para grupos oprimidos.

Segundo Berth (2018), empoderamento é um instrumento de luta social que surge a partir de uma tomada de consciência de quem se é, sobre como os problemas da sociedade influenciam nossa vida, e até que ponto somos capazes de absorvê-los. É questionar as relações do ambiente em que vivemos coletivamente, sem se esquecer do âmbito individual. Conforme autora:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento, sobre a sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmos ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2018, p.14).

Contudo, não podemos falar sobre empoderamento de forma universal. Berth (2018) e Angela Davis (2017), pesquisadoras negras destacam a importância do recorte de classe e raça para compreendermos melhor a questão. Historicamente o povo negro é discriminado e as consequências da escravatura são perceptíveis até hoje. A lei Áurea, assinada no dia 13 de maio de 1888, aboliu a escravidão no Brasil, mas sabemos que a norma não significou o fim do racismo, não garantiu condições justas de integração para o negro na sociedade brasileira. Sem políticas de inserção ao trabalho e à educação, a população negra continuou desamparada e sofrendo cada vez mais com a desigualdade social. Davis (2017) afirma o quão fundamental é que o movimento das mulheres brancas articule sua luta com o movimento negro e trabalhador, e não de forma isolada. A autora frisa que

Tem sido demasiado comum – tanto ao longo da história quanto na atualidade – que as líderes brancas do movimento de mulheres julguem que, quando nós mulheres negras elevamos a nossa voz para falar sobre a tripla opressão que sofremos, nossa mensagem tem uma relevância, quando muito, marginal para suas experiências. (DAVIS, 2017, p.26).

Essa abordagem não questiona as estruturas racistas e os preconceitos de classe do sistema socioeconômico em que vivemos. Somente constatando os elementos básicos da opressão, priorizando os interesses humanos indo contra o viés do lucro monetário é que conquistaremos a igualdade. Segundo Joice Berth (2018), a palavra empoderamento é constantemente esvaziada de sentido pela lógica capitalista, que a utiliza para vender produtos se apropriando do discurso.

O empoderamento enquanto prática social necessária no ápice de sua cooptação e distorção tem sido literalmente vendida sobretudo por aqueles que almejam manter o status quo formador de acúmulos e desequilíbrios sociais. Esse fenômeno social cria clãs micro-opressores que não tem

condições psicológicas para conduzir outros indivíduos pelos caminhos processuais de autodescoberta sociopolítica, simplesmente porque nem ao menos buscaram erradicar dentro de si mesmos as internalizações perversas do sistema de opressão a que estão expostos. (BERTH, 2018, p.83)

Além disso, a autora enfatiza que, muitas vezes, a mídia enxerga o empoderamento somente por uma ótica individual. Berth (2018) sugere que, para favorecer o campo do empoderamento, é preciso focar a criação de estratégias nas áreas econômicas, estéticas, afetivas, entre tantas outras. Angela Davis ressalta que a pauta de empoderamento das mulheres deve contestar o capitalismo para atingir a mudança. A pesquisadora afirma: “radical significa simplesmente compreender as coisas desde a raiz.” (DAVIS, 2017, p.24).

Além de ser um instrumento de luta para os minorizados, o empoderamento também é um processo que serve para questionar a subordinação das mulheres. Entretanto, para isso, é necessário que se reconheça a existência da opressão masculina, pois, segundo a mobilização teórica de Berth (2018), não há como empoderar alguém senão a si mesmo e a partir disso, servir de amparo para conscientizar outros sujeitos. Sendo assim, é preciso um trabalho de conscientização lento e gradual, uma vez que, geralmente, um membro de uma realidade opressiva está tão imerso nesse contexto que muitas vezes não tem consciência sobre o que passa. Berth afirma: “[...] a consciência crítica é condição indissociável do empoderamento” (2018, p. 43). Isso é essencial, já que a demanda para mudanças não acontece de forma natural em situações de submissão. No caso do *Slam das Minas - POA* é possível perceber, a partir dos temas que são trazidos pelas *slammers*, que as poetisas estão atentas ao apagamento das mulheres em determinados espaços, à violência racial, de gênero e LGBT, dentre outras questões que assolam os minorizados - e por meio de suas poesias os questionam.

Nesse sentido, o acesso e o uso do poder pelas mulheres pode representar um enfrentamento ao patriarcado, quando desafiam o poder do sexo masculino e contestam seus privilégios, indicando a possibilidade de mudança desse sistema. Esse combate é fundamental para que as mulheres possam se afirmar como sujeitos políticos, podendo assumir um lugar de visibilidade e representação, no qual poderão expressar suas necessidades. Além disso, cabe sublinhar a representatividade dessa posição, na medida em que ocupar um espaço de decisão majoritariamente composto por homens significa representar politicamente os interesses das mulheres. O *Slam das Minas - POA* surge em sintonia com diversos

protestos que aconteceram no Brasil em 2013, em defesa dos movimentos sociais e do enfrentamento político ativo, afim de garantir as expressões culturais que oxigenam o país. Para além das poesias, o *Slam* é uma intervenção cultural que ocupa espaços urbanos pelo território brasileiro. Luiza Romão descreve o caráter transgressor do encontro nos seguintes termos:

Por isso, a proposta do *slam* (e dos saraus em outro viés) se mostra tão transgressora: ela retoma o caráter coletivo da literatura. Não só nos conteúdos engajados dos textos, mas principalmente na sua forma de apresentação: disposição espacial em arena, uso do espaço público (saídas de metrô, terminais de ônibus, praças), com participação ativa da plateia. [...] O que está em disputa é a cidade e o acesso a ela; em outras palavras, o poeta se torna um pensador crítico e ativo do meio que está inserido, um indivíduo em pleno exercício de sua cidadania (e isso se dá em troca constante e real com os espectadores). (ROMÃO, *apud* KLIEN, 2018, p. 133).

Além disso, o *Slam das Minas - POA* pode ser considerado um local de aprendizado, de transmissão de saberes, e isto, por si só, já é uma característica de empoderamento. Veremos mais detalhes sobre isso em nossa análise, mas, é essencial entendermos desde já que, neste espaço, existem trocas acontecendo simultaneamente, ao passo que se escuta e se fala. A importância desse lugar para a palavra – palavra esta que conforme vimos no subitem anterior é, na maioria das vezes, silenciada – é inquestionável. Para fechar este capítulo, discutiremos agora sobre espaço para – e quem pode – falar.

3.3 Direito à palavra

Muito tem se discutido sobre o conceito “lugar de fala”. A autora negra Djamila Ribeiro (2017) explica que a origem desse termo é imprecisa e possivelmente ele foi criado a partir da teoria racial crítica, de pesquisadoras latinas, negras e indianas, como Gayatri Spivak, que questiona quem pode falar numa sociedade patriarcal e racista na qual o discurso legitimado é do homem branco e heterossexual. A indagação tem a ver com a forma como o regime discursivo proíbe que o “outro” – que não é a norma – faça parte desse circuito e tenha direito à voz. E voz não apenas no sentido de emitir palavras, mas sim de existência, ou seja, uma maneira ampla de discutir relações de poder. Para explicar, Ribeiro aciona Collins:

Quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades. (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Segundo Ribeiro, quando falamos em lugar de fala, estamos falando sobre “lugar social”, de localização de poder dentro da estrutura dominante, em relação às minorias, mulheres, negros e LGBTs. A filósofa brasileira busca compreender “como poder e identidade funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (RIBEIRO, 2017, p. 33). Para ela, o grupo social negro compartilha experiências, que são atravessadas pela matriz de dominação que impede esse coletivo de existir em determinados espaços. A pesquisadora afirma que o homem branco se vê como universal, e acaba especificando outros grupos que diferem dele. Daí a necessidade do grupo localizado no poder de reconhecer e pensar sua posição – isso é um dos pontos mais importantes sobre o lugar de fala.

Aqui, percebemos a importância de o *Slam das Minas - POA* ser um evento exclusivo para mulheres (cisgênero ou transgênero), pois esse movimento acaba descentralizando a palavra do homem branco. Outro ponto relevante é a multiplicidade de vozes, pois pensar o lugar de fala também demanda combater a hierarquia do conhecimento:

Não poder acessar certos espaços acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas [...] (RIBEIRO, 2017, p. 66).

A pesquisadora destaca que é fácil confundir lugar de fala com representatividade (que significa representar com efetividade e qualidade o segmento ou o grupo o qual se faz representar), mas se deve ter cuidado, pois são termos diferentes entre si. Por exemplo: achar que só o negro pode falar sobre racismo, ou que apenas mulheres podem falar sobre feminismo, é criar uma visão existencialista. Se estamos em relações raciais, é importante que outras pessoas (brancas) debatam sobre esse tema. Isso quer dizer que todo mundo tem lugar de fala porque estamos localizados socialmente. A reflexão aqui é como utilizar esse lugar para falar sobre outras questões. Especialmente o grupo localizado no poder,

visando contribuir para uma sociedade mais igual. Afinal, a palavra é um direito de qualquer cidadão.

Nesse sentido, o lugar de fala se preocupa com quem fala, levando em conta suas experiências, especificidades e localização social. Angela Davis (2017) afirma que devemos pensar em nossas diferenças como fagulhas de criatividade e não como algo que nos divide. Ribeiro concorda com essa perspectiva no momento em que afirma que juntos, com as nossas diferenças, é possível pensar em um projeto maior. Somos diferentes, isso é fato, mas não devemos utilizar as nossas diferenças para nos separar.

No próximo capítulo apresentaremos o nosso objeto de estudo desde sua origem, como vem se desenvolvendo, especificidades, características principais e também curiosidades sobre o *slam*. Veremos, principalmente, como esse movimento cultural acontece no Brasil, no Rio Grande do Sul e de forma mais específica em Porto Alegre, com foco no *Slam das Minas*.

4 A VOZ DO SLAM

Iremos apresentar o objeto de estudo neste capítulo e, como vimos anteriormente, estamos estudando a perspectiva relacional da comunicação, sobretudo a maneira como ela se dá nas interações cotidianas. Sobre isso, França explica:

Trata-se de um objeto que está à nossa frente, disponível aos nossos sentidos, materializado em objetos e práticas que podemos ver, ouvir, tocar. A comunicação tem uma existência sensível; é do domínio real, trata-se de um fato concreto do nosso cotidiano, dotada de uma presença quase exaustiva na sociedade contemporânea[...] Vai incluir nossas conversas cotidianas, as trocas simbólicas de toda ordem, (da produção dos corpos às marcas de linguagem) que povoam nosso dia-a-dia. (FRANÇA, 2010, p.38).

Grande parte do que será exposto neste capítulo provém de observações pessoais realizadas em campo desde setembro de 2018³, bem como do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo *O Silêncio é uma prece: Comunicação e a escuta do homem branco heterossexual no Slam*, de Douglas Freitas (2017) e a dissertação de Mestrado em Filosofia *Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas*, de Júlia Araújo (2018).

A observação é fruto de percepções e conhecimentos que foram adquiridos principalmente a partir da experiência de se estar em um ambiente repleto de diversidade: a rua. Os espaços urbanos têm a característica de receber diversas formas de manifestações culturais. Diferentes movimentos artísticos mostram que existe arte fora de espaços privados, e que ocupar lugares públicos é um direito de qualquer cidadão. Com essas manifestações e ideias, surgem grupos que acreditam que a cultura e a arte podem ser um caminho para contornar problemas sociais. Como é o caso do *Slam* ou “batalha de poesia”, movimento que tem forte ligação com o *rap* e a literatura marginal, por se tratar de um lugar que é capaz de dar voz às margens. Muitos participantes do *Slam* são jovens negros e mulheres, conforme explica Freitas (2017):

Para se ter ideia, dos oito vencedores do *Slam Peleia* em 2007, cinco são mulheres e três homens negros. No *Slam Conexões*, que reuniu 22 ganhadores do *Slam Chamego*, *Slam das Minas*, *Slam Peleia* e *Slam RS*, os três finalistas foram Pumes e Bruno Negrão, homens negros, e Cristal, mulher negra. (FREITAS, 2017, p.56).

³A explicação sobre isso estará melhor detalhada no tópico sobre a metodologia.

Esses poetas escrevem sobre seu cotidiano. Ao escutarmos seus versos, podemos perceber de onde vêm, o que querem e precisam dizer estas múltiplas vozes. É a força de expressão que faz com que pessoas frequentemente marginalizadas e silenciadas pela sociedade possam transmitir, através da palavra, suas angústias e desejos. Além da fala, o *Slam* proporciona momentos de escuta e reflexão, nos quais o público pode se relacionar e interagir com o que é dito. Aqui, mais uma vez, notamos a presença da comunicação relacional como ponto chave do estudo. Veremos adiante como esse tipo de manifestação surgiu e quais são suas especificidades. Faremos um panorama do movimento pelo mundo e no Brasil, bem como na região Sul, em especial, na cidade de Porto Alegre-RS.

4.1 Apresentação do *Slam*

Essa manifestação poética nasceu na década de 80 em Chicago, nos Estados Unidos, dentro de um bar de jazz periférico. No filme *Slam: Voz de Levante*, um longa sobre a história do movimento *Slam* pelo globo, uma das diretoras e *slammer*, Roberta Estrela D'alva, percorre diversas cidades onde a competição *Slam Poetry* acontece. A batalha se espalhou em outros estados dos EUA até chegar à Europa, em países como França e Alemanha e, depois, ao Brasil. D'alva pontua: "O slam é um lugar de respeito a todos, com atenção ao que o outro tem a dizer". (SLAM, 2018).

O *Slam* é uma competição de poesia falada, que acontece em diversos espaços pelo mundo. Não existem normas e regras para a realização do encontro, mas algumas combinações valem para a ocorrência do evento. D'alva explica que os movimentos de *slam* ao redor do mundo são organizados de acordo com as realidades e especificidades das regiões, e criam dinâmicas de funcionamento que atendam suas demandas. Em Porto Alegre, por exemplo, o *Slam* acontece na Praça da Matriz, Largo Glênio Peres, Largo Zumbi dos Palmares, Viaduto do Brooklyn, entre outros.

Na capital gaúcha, a competição consiste em três fases de classificação. Os poemas são autorais e devem ser declamados em até três minutos, diante de jurados e público. O autor ou autora pode utilizar apenas o corpo e a palavra, sem roupagem teatral, objeto cênico ou instrumento musical. Os jurados se voluntariam na hora, entre o público e, além deles, existe também o "matemático" (normalmente,

é uma pessoa da organização do evento), que calcula o tempo e as notas atribuídas aos *slammers* (quem recita as poesias). A pontuação varia de zero a dez e é exibida em uma placa levantada após cada apresentação. O formato do *Slam* consiste em baterias de apresentações, não sendo permitida a repetição de poemas durante as fases, por isso é necessário apresentar três poemas distintos para poder participar. No início da competição e entre cada etapa, os presentes podem se inscrever para declamar sem competir no momento “Verso Livre”.

Existem diversos tipos de *slams* e sua configuração pode variar. Há, por exemplo, o *Slam do Corpo*, no qual competem uma dupla de surdos e ouvintes interpretando e falando em libras simultaneamente. Outra modalidade é o *Menor Slam do Mundo*, com poesias de até dez segundos. Destaca-se o *Grand Slam de Poésie*, ou, como dizem os brasileiros, *A Copa do mundo de Poesia Slam*, um dos mais importantes campeonatos, que acontece em Paris. A diversidade dessa manifestação artística e a pluralidade nas temáticas dos poemas, que versam sobre família, política, amor e muito mais, tem a ver com as pessoas que participam do evento. Cada uma traz consigo histórias únicas, diferentes simbologias, características temporais e diversos contextos. Percebemos a importância de movimentos culturais como elemento que nos ajuda a pensar o comunicacional e as relações nesses espaços. Para que possamos compreender um pouco mais a espacialidade e características desse movimento tão abrangente e nos aproximarmos da nossa realidade, veremos no próximo subitem como o *Slam* chegou ao Brasil.

4.2 Movimento do *Slam* pelo Brasil e Rio Grande do Sul

O *Slam* é um movimento relativamente novo no território brasileiro, sendo mais popular na cidade de São Paulo. Só nesse município há pelo menos 20 encontros (ARAÚJO, 2018). O movimento do *Slam* brasileiro está inserido no circuito oficial, em que o vencedor de cada edição compete no *Slam BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada*, e um único representante brasileiro participa da final internacional. Apesar de existir uma disputa nacional há quatro anos e um campeonato mundial na Europa, o *Slam* ainda é desconhecido de boa parte do Brasil fora do centro do país, conforme matéria publicada no jornal *Zero Hora* (CARAPEÇOS, 2017). Júlia Araújo explica:

De fato, o slam é um movimento que, se antes, parecia incipiente, mostra-se, hoje, vigoroso, e em multiplicação, com uma quantidade grande de publicações, um grande número de reportagens em programas de televisão sobre os autores e sua atuação, uma boa visibilidade e ampliação da ideia de cultura da periferia. (ARAÚJO, 2018, p.10).

O movimento chamado *Slam Resistência* chegou ao Brasil, especificadamente, na capital paulista em 2008, pelas mãos da atriz-MC, poeta e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva. Quase uma década depois, entrou com força no sul do país, assim como no Norte e Nordeste. No Rio Grande do Sul, o primeiro a se estruturar foi o *Slam das Minas - POA*, no final de 2016. Logo após, em 2017, iniciaram as atividades do *SLAM - RS*, bem como do *Slam Peleia*, *Slam Chamego* (poemas sobre amor) e *Slam do Gozo* (poesias a respeito de sexo) em 2018.

A diversidade desse movimento no Brasil tem a ver com a juventude que fala sobre temas latentes no país –amor, violência, sexo, política – e chamam atenção para as expectativas de um grupo, expondo além de seus interesses pessoais. Como podemos perceber abaixo no trecho de um poema de Athena Beauvoir, poetisa transgênero, que evidencia o preconceito com a população trans, a opressão das mulheres e a degradação de pessoas que fogem dos padrões sociais:

Atacando a toda diversidade desse país marginal,
marginal,
marginal,
marginal porque existe uma margem.
O sustentáculo aqui sempre foi periférico,
histórico e interseccional,
é o machismo, sexismo, xenofobia, homofobia e gordofobia
e apresento o pergaminho novo escrito na existência de irmãs minhas,
é a transfobia. (BEAUVOIR, 2019).

Araújo (2018, p.73) declara que “Não se trata, pois, de trazer para o poema uma problemática apenas restrita e local, mas se relacionar com um conjunto de temas de uma juventude brasileira de esquerda, globalizada e conectada.” Pela capacidade que a poesia tem de discutir assuntos tão amplos, ela pode ser considerada um instrumento empoderador.

Nesse sentido, este trabalho foca a discussão no papel do *Slam das Minas - POA* em relação às perspectivas das *slammers*, buscando entender de que forma sua participação no coletivo e suas próprias vivências e trajetórias são percebidas por elas mesmas.

4.3 Poesia contamina: *Slam das Minas*

O primeiro Slam das Minas do país aconteceu em “Brasília e hoje acontece em São Paulo e em Porto Alegre”, de acordo com Freitas (2017, p. 57). Nesse contexto, Araújo fez um mapeamento dos *slams* em São Paulo, descrevendo o evento paulista como:

Um campeonato itinerante de poesia falada, criado em 2016, que tem o objetivo de garantir uma vaga para mulheres no Slam BR, bem de acordo com as novas e importantes demandas por representação feminina na esfera pública. (ARAÚJO, 2018, p. 62)

O eixo da nossa reflexão é a mulher em comunicação e as interações estabelecidas com o público através da força de expressão, que tem como objeto de estudo específico a experiência do *Slam das Minas – POA* – competição de poesia falada e desenvolvida por um grupo de mulheres para mulheres (cisgêneros ou transgêneros) se apresentarem na cidade de Porto Alegre. Normalmente o evento ocorre na Praça da Matriz, localizada no Centro Histórico da capital, todo segundo sábado de cada mês, como se pode ver nas imagens abaixo, feitas durante as observações realizadas.

Figura 1 – *Slammer* em apresentação na edição de março/2019



Fonte: a autora (2019).

Figura 2 – *Slammer* em apresentação na edição de novembro/2018



Fonte: a autora (2018).

A divulgação do encontro é feita mensalmente na página do coletivo no *Facebook*⁴. As inscrições para as *slammers* abrem uma hora antes das apresentações. Quando o *slam* está prestes a começar, as organizadoras chamam as pessoas que vieram assistir para perto, convidam para se reunir em roda, anunciam que o evento vai iniciar. Depois que o público se aproxima (algumas pessoas ficam sentadas no chão, outras em pé), é aberto um espaço para venda de produtos, como livros de poesias, *zines*, camisetas, entre outros.

É feita, então uma pequena introdução sobre o *slam*. Os jurados que se voluntariam recebem as instruções de como dar as notas, as *slammers* se preparam para a apresentação. A competição se inicia após alguma organizadora do evento chamar o grito: “Poesia contamina: *Slam das Minas!*”.

Em entrevista publicada no site *Medium*, Daniela Alves, uma das cofundadoras do encontro na capital gaúcha, conta sobre a criação do *Slam das*

⁴ Página disponível em: <https://www.facebook.com/pg/SlamdadasMinasRS/about/?ref=page_internal>.

Minas, que surgiu “da necessidade de recuperar e fomentar espaços de construções coletivas através de trocas de experiências entre mulheres poetas da cidade e região metropolitana”. Ainda nessa entrevista, uma das organizadoras do encontro, Crua (como prefere ser chamada) define o *Slam das Minas – POA* como

Um lugar de troca, de compartilhamento, de aprendizado. Representa a poesia que nasce e vem da rua. Quando a gente compartilha dessa forma, o peso dela já não é mais o peso de ter que escrever um livro para ser reconhecida. É o de ter tido a vontade (e muitas vezes a coragem) de compartilhar um pensamento, um protesto, um sentimento com tanta gente. Ela em si mesma é o peso. A poesia é o que nasce, renasce, cria e se reinventa. Dentro e fora de nós. (Crua).

As vencedoras de cada edição não ganham um prêmio físico, elas recebem um prêmio simbólico, chamado “respeito”, e garantem vaga na competição estadual (*Slam RS*), na qual se ganhadora poderá disputar a nacional e, quem sabe, ir para a mundial. No final de algumas edições, são realizados *pocket-shows* de rap realizados por artistas locais. Durante as observações realizadas, percebemos a importância, em especial, da participação das mulheres nesse movimento, que se torna um lugar de acolhimento, troca e união coletiva. Principalmente em relação às temáticas ali expostas, que permeiam os cenários social, cultural e político, servindo comoresistência contra as opressões que existem na sociedade patriarcal. A força da expressão pela poesia nesse espaço pode empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos de mudança.

5 A VOZ EMPODERA: O EMPODERAMENTO NA VISÃO DAS SLAMMERS

A presente pesquisa propõe-se a investigar as trocas comunicativas estabelecidas no *Slam das Minas - POA* e como a participação das *slammers* é compreendida e ressignificada pelas próprias poetisas, podendo ser considerada um processo de empoderamento. Entendendo as narrativas e a performance como um ato de comunicação complexo, que perpassa diferentes campos sociais, damos ênfase, em nosso tema, aos processos comunicacionais desenvolvidos em sua prática, ressaltando a relação desta forma de expressão com as espectadoras.

A dificuldade deste trabalho consiste em abarcar uma metodologia de análise que dê conta, efetivamente, dos elementos que envolvem as narrativas, a performance, e também os aspectos referentes à constituição do empoderamento das mulheres. Afinal, será necessário investigar como se dá o desenvolvimento e aplicação dessas questões na relação apresentação/público, momento rápido e único em que tudo acontece dentro de apenas três minutos. Além de analisar a declamação e a acolhida dos poemas, é preciso conversar com as *slammers* para melhor entendermos os processos de empoderamento, a partir de suas experiências no *Slam das Minas - POA*. Além disso, reunir mulheres que estivessem dispostas a compartilhar sua histórias foi bastante difícil, acreditamos que isto se deu porque a temática da pesquisa levanta questões pessoais e íntimas.

Por se tratar de um fenômeno recente no Brasil, ainda existem poucas referências acadêmicas sobre o *Slam* de forma geral. Por isso, acreditamos que a pesquisa exploratória é a mais indicada para atingirmos o objetivo proposto neste estudo. Segundo Gil (2008), o objetivo da pesquisa exploratória é entender e alterar concepções e pontos de vista, levantando um possível problema ou hipótese sobre um determinado tema para futuras pesquisas. Não exige padronização e seu planejamento é flexível. A pesquisa exploratória serve para aproximar o pesquisador do objeto de pesquisa, sendo normalmente utilizada quando o tema pesquisado é pouco estudado e é necessário entendê-lo de forma profunda e concreta.

A subjetividade está presente no que será analisado e discutido nesta investigação, já que parte da pesquisa terá como base o olhar e as perspectivas das *slammers* em relação à sua participação no *Slam das Minas – POA*. Essa situação demanda entrevistas em profundidade, a partir do contato face a face, para que seja possível aprofundarmos o assunto. Portanto, o método de pesquisa qualitativa é que melhor se encaixa para responder às inquietações desse trabalho.

A pesquisa qualitativa, segundo Silva e Menezes, é um método investigativo que foca a subjetividade do sujeito/objeto. Ou seja:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2000, p. 20).

Em casos como este, o tema é estudado diretamente no ambiente em que ele se apresenta; logo, é importante que o pesquisador tenha contato direto com o campo. Ir a campo significa confrontar a teoria com a prática e, tratando-se do *Slam das Minas – POA*, é preciso buscar respostas diretamente no ambiente em que o encontro ocorre para que seja possível então teorizar com a literatura de base. Tal procedimento exige planejamento e sistematização. Para investigar as questões iniciais que foram levantadas a respeito das *slammers*, foi imprescindível articular técnicas de coleta de dados. Nesse sentido, a pesquisa demandou três movimentos: observação simples, observação sistemática e entrevistas em profundidade semiestruturadas. Para articular toda metodologia foi necessário muita atenção e comprometimento afim de realizar um trabalho que pudesse dar voz para estas mulheres respeitando suas histórias e experiências.

Iniciamos as observações simples no *Slam das Minas* em setembro de 2018, buscando em um primeiro momento observar os processos comunicacionais ali construídos, e o que poderia ser estudado a partir disso. Segundo Gil, esse tipo de procedimento “Possibilita a obtenção de elementos para a definição de problemas de pesquisa” (GIL, 2008, p.101). As observações ocorreram em três edições do encontro em Porto Alegre, a primeira em setembro, no bar Locals Only; a segunda em novembro, na Praça da Matriz; e a terceira em dezembro, no El XixoTattoo, sempre no segundo sábado de cada mês.

Depois deste primeiro passo, foi possível refinar a problemática a ser investigada e, conseqüentemente, demos início às observações sistemáticas nas edições de janeiro, março e abril de 2019 do *Slam das Minas - POA* que ocorreram na Praça da Matriz, a fim de analisar as trocas comunicativas entre *slammers* e público de forma mais específica. Com o planejamento dos fenômenos a serem

observados, o roteiro da observação sistemática foi criado com intuito de responder as perguntas que surgiram na observação simples. Conforme Gil:

A observação sistemática é frequentemente utilizada em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou teste de hipóteses. Nas pesquisas desse tipo, o pesquisador sabe quais aspectos da comunidade ou grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. (GIL, 2008, p. 104).

Os questionamentos foram articulados aos objetivos do trabalho referentes às *slammers*, aos temas das poesias (narrativas) na performance, no recorte de gênero, no empoderamento e também nas trocas comunicativas. Para isso, utilizamos o bloco de notas do celular; conforme o evento ocorria, eram realizadas anotações no aparelho. O roteiro da observação sistemática está descrito no apêndice A.

A partir das observações sistemáticas concluídas, e com base nos objetivos específicos do estudo, iniciamos a construção do roteiro de entrevista semiestruturada em profundidade, técnica de pesquisa qualitativa. Pretende-se, então, contribuir para os estudos exploratórios, descritivos e explicativos do tema. Como explica Rosália Duarte:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.215).

Assim, foram convocadas, por meio de minhas contas em redes sociais⁵, pessoas que se enquadrassem no perfil pretendido, mulheres que já se apresentaram pelo menos uma vez no *Slam das Minas* de Porto Alegre. A proposta inicial era compor um grupo de cinco participantes. Porém, muitas convidadas não puderam ou se recusaram a participar. Considerando que utilizamos a observação simples e sistemática, além da entrevista, optamos por seguir com a terceira técnica

⁵ Perfis no *Instagram* e no *Facebook*.

com a participação de quatro *slammers*. Analisando os dados obtidos, consideramos suficiente como pesquisa empírica deste trabalho.

As entrevistas aconteceram em diferentes locais, de acordo com a disponibilidade das entrevistadas: Casa de Cultura Mario Quintana; estação de trem de Esteio-RS; Faculdade de Direito da UFRGS e Rua Dr. Sebastião Leão, 128, em Porto Alegre. Foram entrevistadas Ryane, Fernanda, Angélica e Lillian⁶ e é importante destacar que todas se apresentaram no *Slam das Minas - POA* enquanto as observações estavam sendo realizadas, foi dessa forma que as conhecemos inicialmente. Durante a conversa com as *slammers* nos sentimos tocadas com seus relatos e nos emocionamos em muitos momentos.

O roteiro da conversa foi estruturado para que fosse possível investigar os objetivos específicos do trabalho (conforme veremos nos subitens posteriores), e questões que não foram contempladas nas observações. A sua elaboração partiu do princípio de que seria necessário utilizar uma linguagem informal para estabelecer conexão com as pesquisadas, além de propiciar facilidade no entendimento das perguntas, possibilitando um contato de maior aproximação. O roteiro consta no apêndice B do presente trabalho.

Dividimos a entrevista em profundidade semiestruturada em blocos. No primeiro, a ideia foi conhecer as *slammers* e descobrir como se iniciou o contato dessas mulheres com a poesia e com o *Slam das Minas - POA*, assim como entender qual a importância dessas questões para elas. A segunda parte foi pensada para compreender a trajetória de vida das participantes e qual a relação disso com o encontro, identificar os tipos de narrativas contadas e motivações para tais, investigar de que modo a performance das *slammers* é percebida por si próprias, e debater como a participação no coletivo se relaciona ao empoderamento. As entrevistadas serão apresentadas no tópico seguinte.

5.1 Quem são as *slammers*?

Embora não fosse um pré-requisito da pesquisa, todas as *slammers* são mulheres jovens com idades que variam de 17 a 27 anos. Conheceram o *Slam das Minas - POA* pelas redes sociais (*Facebook* e/ou *Instagram*) e participam de outros

⁶As participantes assinaram um termo de consentimento de participação na pesquisa (vide apêndice C), conforme diretrizes éticas. Seus nomes foram alterados para o de poetisas, a fim de manter o anonimato neste trabalho.

slams. Três se autodeclararam negras, uma preferiu não se autodeclarar. A maioria delas começou a escrever poemas ainda quando crianças, recitando-os na juventude.

Ryane tem 17 anos; se autodeclara negra e pansexual, é de Viamão-RS e reside com a sua mãe. Conta que sempre gostou muito de ler e escrever. Embora não soubesse, é poeta desde criança. Em 2018, um professor pediu para que ela levasse seus textos para a escola, e assim ficou sabendo que o que escrevia eram poemas. Conforme relata: “Eu sempre fiz poesia, mas eu não sabia que aquilo era poesia... Por que pra mim, poesia na minha mente era aquela coisa de amor, declaração e tal, eu não conhecia a poesia marginal...”.

A *slammer* lembra que tinha oito anos quando escreveu seu primeiro poema, surgido de uma situação de dor: os versos foram escritos após ver a sua mãe chorando com uma notícia muito triste relacionada à sua família. Em suas palavras, a poesia é: “a minha expressão independente [...], hoje eu entendo que tudo que eu faço pode se tornar uma poesia”.

Apesar da timidez, Ryane se considera bastante comunicativa. Ela recitou pela primeira vez no dia da consciência negra do ano passado no colégio onde estuda em Viamão-RS. Escolheu para isso um poema que encontrou na internet sobre Marielle, ex-deputada assassinada no Rio de Janeiro. Foi a partir dessa experiência que Ryane sentiu despertar a vontade de participar de *slams*. Seu primeiro contato com o movimento foi através do *Slam das Minas - POA*, após ter encontrado o perfil do coletivo no *Instagram*. Ela declamou uma vez no verso livre do *Slam das Minas - POA* de dezembro de 2018 um poema de sua autoria.

Lilian é negra e bissexual, tem 20 anos, mora com a sua mãe em Esteio-RS. Ela conta que conheceu o *Slam das Minas - POA* pelo *Facebook* em 2018 e já declamou nesse espaço em seis ocasiões. Em março de 2019, representou o coletivo no 1º Torneio Nacional de Slams Protagonizados por Mulheres. Seus primeiros versos tiveram influência do grupo *Racionais MC's* e do *Sabotagem*, conforme relata:

eu lembro que ficava louca ligando pra rádio Cidade pra tocar “Dá ponte pra cá”, porque eu fiquei apaixonada no *beat*, eu queria fazer aquilo... Eu me senti abraçada assim, por alguma coisa, depois disso, acho que com onze/doze anos eu comecei a escrever poesia. (Lilian).

Quando estava no ensino fundamental, sofria racismo na escola e, para ela, a escrita era um desabafo: “eu não tinha com quem falar, e aí o papel foi o meu lugar, eu sempre gritei pro papel as coisas que eu sentia”. A *slammer* conta que, no momento em que escrevia, era como se ela fosse outra pessoa. Além disso, a partir dos seus escritos a poesia passou a ter outro sentido para Lilian:

Eu percebia que a poesia não era só aquela linguagem figurada que a gente tem assim... Essas metáforas, que a gente acaba lendo e não entendendo nada, que empurram pra gente no fundamental, não tem nada a ver isso. Porque a poesia é muito abrangente, tu pode falar sobre várias coisas, com temáticas diferentes, com linguagens diferentes, dá para abraçar várias pessoas... (Lilian).

A poeta diz que sente um carinho muito grande pelo *Slam das Minas - POA*, porque foi depois de ir ao evento que ela percebeu que tinha muita coisa para falar sobre as pautas femininas e, principalmente, sobre a sua mãe.

A entrevistada Angélica mora em Esteio-RS, tem 27 anos, é bissexual e prefere não se autodeclarar étnico-racialmente. Ela recorda que, quando era criança, seu primeiro contato com a poesia surgiu na biblioteca da escola, ao buscar alguns livros para ler. Assim como Ryane, não sabia o que era poesia. A lembrança que tem é esta: “sabia que gostava, era uma leitura curta, mas ok, eu não sabia muito bem o que eu tava lendo ali. Eu não lembro muito bem das poesias que eu lia, mas geralmente, eram mulheres”.

O Slam como um todo tem um papel importante na vida dela, pois foi em 2017, a partir do evento, que Angélica começou a escrever poemas: “eu não escrevia, comecei a ir no *slam* e depois de alguns meses eu comecei a escrever alguma coisinha”. Hoje ela tem em torno de setenta poesias escritas. Sua narrativa favorita é o amor, declamou pela primeira vez em um *Slam* que aconteceu em Esteio e já participou da organização de *slams* nessa cidade e em Porto Alegre.

Conheceu o *Slam das Minas - POA* pela página do *Facebook*. Em agosto de 2017, participou como ouvinte. Para ela, o encontro foi muito emocionante por ser um dia antes do dia dos pais. Conta que, como a data estava próxima, as temáticas das narrativas eram sobre a figura paterna: “aquele dia eu chorei o evento inteiro e eu cheguei em casa e abracei meu pai”. Ela já declamou quatro vezes no *Slam das Minas - POA*, participou de outros *slams* antes e relata: “O *Slam das Minas* é um dos mais fudas que tem, foca muito na questão da resistência da mulher e mina ali.” Diz que declama para compartilhar o que escreve, mas que também sente que vai ao

evento para ouvir, refletindo sobre momentos que são mais de escuta do que de fala.

Fernanda é negra, bissexual, tem 20 anos e mora sozinha em Porto Alegre. A poesia para ela é uma forma de expressão humana. Escreveu seu primeiro poema com sete anos de idade, conforme relata: “antes de começar a conversar e entender os meus sentimentos eu comecei a escrever e cantar eles”. Além de escrever, ela também canta, diz que sempre gostou da música e da escrita. Declamou pela primeira vez no *Slam Peleia*, conheceu o *Slam das Minas - POA* pelas redes sociais e participou do evento em 2017 como *slammer*. Prefere recitar temas sobre a sua sexualidade e relacionamentos amorosos. Expõe que, embora cante em outros espaços, fica nervosa ao se apresentar no *Slam*: “li o que tinha escrito, porque eu tava muito nervosa, embora eu já tenha me apresentado outras vezes cantando, é um outro rolê”. Apesar disso, depois de cada apresentação se sente mais leve. Já participou do *Slam das Minas - POA* sete vezes.

Para melhor compreensão, compilamos algumas informações das entrevistas na tabela abaixo:

Tabela 1 – Informações gerais sobre o perfil das *slammers*

Informações gerais sobre o perfil das <i>slammers</i>				
<i>Slammer</i>	Idade	Raça	Orientação sexual	Participação no evento
Ryane	17 anos	negra	pansexual	1 vez
Lilian	20 anos	negra	bissexual	6 vezes
Angélica	27 anos	-	bissexual	4 vezes
Feranda	20 anos	negra	bissexual	7 vezes

5.2 Trocas comunicativas

A poesia, assim como a arte, é uma forma de expressão humana, né?

(Fernanda)

Se a comunicação produz experiência, sendo capaz de tocar/afetar o outro, como vimos inicialmente no item 2.1 deste trabalho, as trocas comunicativas observadas no *Slam das Minas - POA* provocam interações entre as *slammers* e o público. É através do compartilhamento de expressões que a plateia e as poetas

interagem durante as apresentações e também fora delas.

Sobre a comunicação relacional, conforme vimos no primeiro capítulo, França (2016) disserta que o sujeito da comunicação afeta e é afetado por outro indivíduo. Isso ocorre quando as vivências se atravessam, gerando experiências de alteridade. Nas entrevistas, foi possível perceber que a comunicação e a convivência estão ligadas, conforme sugere Wolton (2010). Pelas respostas às perguntas realizadas, entendemos que o cotidiano de quem frequenta o *Slam das Minas - POA* é marcado por diferentes histórias, convicções e formas de expressão que, em determinados momentos, se cruzam e entram em interação/conflito – muitas vezes implicando em

sentimentos de empatia. Além disso, identificamos que é através de processos comunicacionais e do convívio no *Slam das Minas - POA* que as *slammers* seduzem e convencem o público com suas poesias pelo compartilhamento e pela paixão em relação ao que dizem, de acordo com a visão de Wolton (2010) em relação ao ideal da comunicação relacional.

Fernanda afirma que “O *Slam das Minas*, assim como a batalha das monstros (que é uma batalha de rap entre mulheres) são espaços importantes de fala, né. E de escuta, de troca entre mulheres...”. Ao final de sua primeira participação no evento, o público ficou empolgado e gritou, a *slammer* relata que foi aplaudida de pé. Ryane conta como foi o momento em que percebeu que aquele era um evento somente para mulheres:

Poxa, deve ser muito confortante ali sabe, principalmente por elas priorizarem isso né, que seja um *slam* só de minas... Vou me sentir mais confortável lá, vendo outras minas recitar, tendo essa experiência, essa troca... Realmente era tudo aquilo que eu imaginava, um espaço super humilde, que te abraça, as mina muito foda... (Ryane).

Ambas as poetisas reconhecem o *Slam das Minas - POA* como um local importante de compartilhamento de vivências e trocas comunicativas entre mulheres. Ao examinar as trocas comunicativas entre as *slammers* e o público a partir das observações realizadas, pudemos perceber determinados padrões nas apresentações. Isso porque existe contato principalmente pelo olhar, nele é estabelecida uma conexão. Depois vêm as palavras, que tocam ou não quem assiste. Sem a plateia interagindo a cada poesia declamada o evento não aconteceria. A escuta e a recepção (muitas vezes na forma de uma palavra proferida para a poeta após uma frase de impacto) são absolutamente necessárias para que se estabeleçam trocas comunicacionais nesse ambiente. Ou seja, embora a *slammer* seja capaz de declamar sozinha, se não existir o compartilhamento com uma ou mais pessoas a apresentação não possui o mesmo sentido.

É importante destacarmos que as trocas comunicativas nem sempre são verbais, conforme indica Wolton (2010), e se dão também antes e depois da competição. Lilian relata que foi abordada por uma das organizadoras do encontro ao chegar no *Slam das Minas - POA* pela primeira vez da seguinte maneira:

Organizadora: “tu vai te inscrever, né?”

Lilian: “como assim eu vou me inscrever?”
 Organizadora: “é que tu tem cara de quem escreve”.

A *slammer* conta que esse episódio a marcou: “foi um lugar que eu me senti muito abraçada, no *slam* das minas, vendo as outras manas eu vi que tinha muita coisa pra falar também”. Em um dos encontros em que saiu vencedora, ela lembra

Que teve uma última poesia, que eu falava assim... Metendo o “pau” nos caras mesmo, e aí tinha uma mana assim muito curtindo, *flowzinho*, batendo cabeça. E eu falei assim, bom, beleza, se eu consegui abraçar uma mana preta então tá tudo certo, dever cumprido. (Lilian).

Sobre isso também comenta Ryane:

É maneiro, ainda mais quando gritam. Ainda mais quando tu tá recitando e tu fala alguma palavra impactante e o pessoal: “Uou!” E tu fica, meu deus, o que eu falei, porque muitas vezes eu tô falando uma palavra mas eu tô já pensando na outra, e às vezes tu não tá conectado, então quando a plateia dá no meio, tu fica tipo: meu deus, eu falei alguma coisa que mexeu com eles. E é muito legal tu recitar e depois um monte de pessoas vir e falar: poxa, tua poesia me ensinou isso e isso, eu abri a visão pra isso. (Ryane).

Na observação sistemática realizada no dia 13 de abril de 2019, no momento em que Fernanda declama, acelera a voz e quase sem pausa para respirar fala: “Quando você me vê chorar, só fica parada com a vida abastada, se achando culpada, mas nunca se propôs a sair do trono desse jogo de cartas” conseguimos ouvir alguém da plateia gritando “Uou”, exatamente como descreve Ryane em seu relato.

Na entrevista com Angélica, notamos que as trocas comunicacionais e as relações muitas vezes continuam e se solidificam após as edições: “eu conheci muita gente no *slam* das minas, muita mina foda que hoje são amigas que espero levar por muito tempo.” Vemos como a comunicação é capaz de construir laços, já que, além das trocas comunicativas, existem trocas afetivas que são construídas a partir do *Slam das Minas - POA*.

De acordo com as observações, a média de público do evento é de 50 pessoas. Entre estas, a maioria são mulheres brancas e negras e a faixa etária é bastante variada: vê-se desde crianças até pessoas idosas. Destacamos que a maneira como o público reage diante das apresentações das *slammers* tem a ver com a temática das poesias e também com a performance das apresentadoras. O

conteúdo das narrativas, bem como a maneira com que as apresentadoras o expressam, influencia diretamente nas ações e reações causadas na plateia.

Abaixo descreveremos um pouco mais o que foi percebido nas observações e nas entrevistas em relação à performance das *slammers*.

5.3 Performances

Várias minas que vão ali e representam
(Lilian)

Somos constantemente alcançados por diversas formas de expressões em nosso cotidiano. Como vimos no item 2.2 da pesquisa, segundo Santaella (1983), é através da representação que compreendemos o mundo, relacionando coisas que conseguimos perceber pelos nossos sentidos. Para Hall (2016), utilizamos a linguagem para transmitir nossos sentimentos e opiniões para outros sujeitos e, com isso, as representações compartilhadas por indivíduos constituem uma cultura.

No contexto do *Slam das Minas – POA*, as *slammers* optam por representar a realidade que vivenciam por intermédio das narrativas (temática das poesias) e também pela performance desempenhada em suas apresentações. Ou seja, elas estão ali representando algo e representando a si mesmas. São processos que se relacionam, a forma como os versos são proferidos e a mensagem contida nos dizeres são capazes de impactar tanto quem fala como quem ouve. Veremos com mais detalhes como as narrativas se constroem e são exploradas no próximo subitem deste capítulo.

Angélica sintetiza a relação entre a performance os temas acionados nas apresentações: “é muito louco tu ver como as pessoas têm vivências parecidas, sentem coisas parecidas, e tu tá ali representando algo pra muita gente, tu acha que tá falando só de ti e quando vê não tá. Tu torna público algo que é muito pessoal.” Isto se dá através da performance.

Angélica tem uma visão parecida com a de Fernanda, afirmando que: “quando tu vai declamar tu tá expondo tudo aquilo que tu escreveu. Então aquilo ali deixa de ser pessoal e passa a ser do coletivo, passa a ser de quem tá ali, passa a ser público.” Aqui vemos que as representações, quando compartilhadas pelas *slammers*, podem ser coletivas. Lilian lembra que, ao declamar pela primeira vez no *Slam das Minas – POA*, suas narrativas eram parecidas com as de outras mulheres:

Foi numa edição que teve na Ocupação Mirabal, e ali, nossa, foi um dia muito especial pra mim mesmo, não pela competição em si, pra mim o foco nem chega a ser perto disso, mas foi porque a Mirabal ela é um abrigo pra mulheres que sofrem agressões e tal, elas ficam sem casa pra morar e tal, me lembrou muito a história que eu e minha mãe tivemos dentro de casa, então eu já fui pra lá com o coração a mil, foi o mesmo processo que a minha mãe teve, eu conheci outras mulheres lá, eu me senti muito representada, e eu queria que não fosse dessa forma, eu queria que a gente tivesse outros motivos pra se conectar. (Lilian).

A maneira de expressar (performance) as narrativas é a forma que as *slammers* encontram de compartilhar sua vivências em roda. E quando elas realizam as apresentações acabam se conectando com os presentes, tocando o outro, já que as representações fazem parte da sociedade mediante compartilhamento simbólico, como propõe Moscovici (2012). Notamos que no instante em que as *slammers* estão representando a si, também estão representando o que vivem socialmente. Desse modo, a representação passa a fazer parte da esfera coletiva também, no que se refere à “atividade representacional” das competidoras, carregando elementos de identidade compartilhados por uma sociedade – que, conforme sugerido por França e Simões (2014), envolve ideias criadas por um grupo.

Para França (2001), a representação no cotidiano pode ser encenada de diversas maneiras. Os sujeitos são capazes de interpretar diferentes papéis dependendo do contexto social em que estão situados. A pesquisadora remete à perspectiva de Goffman (2007) para nos lembrar que o teórico analisa as interações sociais com viés dramático. De acordo com o autor, em nossa vida aprendemos a transitar entre diversos papéis (estudante, trabalhadora, etc.) e isso acontece de forma automática para manter a ordem social. Identificamos, pelas observações e entrevistas realizadas, que as *slammers* acionam principalmente as representações de suas vivências como mulher no *Slam das Minas - POA* quando dialogam acerca de temas por elas vivenciados na sociedade.

Durante as apresentações, as *slammers* realizam suas performances em uma roda e vão caminhando pelo espaço, olham fixamente para o público, fazem perguntas, buscam interação, outras vezes gritam. Percebemos que existem trocas comunicativas verbais ou não, conforme vimos acima. Porém, é importante destacar que as trocas comunicativas estão relacionadas diretamente com a temática das poesias e que esta última é exposta pela performance da poeta. Quando a narrativa é mais delicada, é nítido que o público se choca e enrijece. Quando é engraçada, as

reações são mais alegres, com risadas, por exemplo. Além disso, as competidoras fazem gestos com as mãos, batem no peito, caminham pela roda, quase nunca ficam paradas. Alteram o volume e a velocidade da voz, circulam pelo espaço com passos lentos e firmes.

Normalmente, as *slammers* iniciam suas poesias com um semblante mais neutro/sério, sem muita expressão. Após alguns versos, começam a revelar mais feições. De acordo com o que é recitado elas gesticulam com as mãos, sem deixar de olhar fixamente nos olhos do público; se movimentam pela roda, se aproximam e se afastam dos ouvintes, mas, na maior parte do tempo ficam centralizadas no “palco”. Algumas vezes, olham para o céu ou para o chão, ficam paradas, logo retomam o contato visual com a plateia. No final de cada apresentação, a *slammer* é aplaudida, às vezes ovacionada, a depender do tema: quanto mais impactante, mais reações. Faz diferença também o volume da voz, porque se a *slammer* fala muito baixo a plateia não consegue entender algumas partes e, com isso, não tem um entendimento completo da poesia deixando a performance comprometida.

Ryane percebe a importância de utilizar esses elementos e de “confiar no espaço” oferecido pelo *Slam das Minas*: “será que as pessoas tão entendendo o que eu tô falando? Será que eu tô falando por falar? E tu fica ali noiada com aquilo né, e depois tu começa a ter autoconfiança, confiar no espaço que tu tá.” Após a criação desta confiança, as performances tendem a melhorar, segundo a entrevistada.

Fernanda confessa que não treina muito a performance, pois sua rotina é bastante corrida, embora acredite que ensaiar “é fundamental, até pra tu conseguir passar o que tu quer né, depois de tu conseguir ensaiar três vezes, tu vê que tu muda vários tons, e como tu coloca as coisas e flui muito melhor...” A participante reconhece que treinar a apresentação contribui para um melhor desempenho.

Sobre o momento da performance, Angélica comenta:

Dá pra ver claramente que eu tô tremendo o tempo inteiro, se eu sei ele decor ok, mas tremo igual... É muito nervosismo assim, porque tu tá ali te expondo completamente, então é pesado, é bem louco. A primeira vez que eu declamei eu achei que não ia conseguir declamar, mas fui até o fim, então. Dá pra fazer, mas é muita concentração pra não travar no meio, já “travei” algumas vezes, acontece. (Angélica).

As quatro entrevistadas dizem que é natural sentir nervosismo nas apresentações. Também foi comum entre as pesquisadas o fato de que a

performance não possui grande relevância: ler o que escreveram ou até mesmo esquecer o que iam falar é algo normal e que não as prejudica pois se sentem confortáveis no *Slam das Minas - POA*. Para elas, o que mais tem importância é o conteúdo das narrativas, conforme veremos a seguir.

5.4 Narrativas

Elas entenderam a mensagem que eu queria passar, isso foi incrível.

(Ryane)

É imprescindível ressaltar que o tema dos poemas declamados no *Slam das Minas - POA* é livre. Com isso, surgem diversas narrativas, e os temas que apareceram com frequência nas edições observadas giravam em torno de mulher/mulher negra, racismo, pensamentos pessoais, histórias de vida, violência, política, feminismo, família, LGBTs, sexo/liberdade sexual da mulher, política e amor. Acreditamos que por se tratar de um espaço específico para o protagonismo das mulheres (tanto cisgênero quanto transgênero), o encontro propicia que as narrativas versem sobre a questão de gênero.

Não podemos esquecer que cada *slammer* possui uma maneira de ver o mundo, características pessoais, vontades e sentimentos próprios, e que suas poesias são autorais. Então devemos considerar essas particularidades ao analisar as narrativas contadas, pois elas estão representando a si mesmas. Lembrando também que, quando os temas são compartilhados no *Slam das Minas – POA*, estes podem conter elementos de identificação coletiva, já que, muitas vezes, o público faz parte do corpo social que a história do poema narra.

Fernanda lembra como se sentiu em relação às suas narrativas na primeira vez em que participou do *Slam das Minas - POA*:

Eu senti que não era errado citar nas poesias palavras explícitas como vagina, xoxota, gozo... E falar sobre esses temas assim, porque sempre tem uma... Tu fica meio em dúvida sobre a recepção, e eu fui muito bem recebida nesse sentido. (Fernanda).

Ryane já participou de outros *slams* e relata que o espaço oferecido pelo *Slam das Minas - POA* é confortável para que ela possa recitar seus poemas:

Ser um espaço que tu se sinta a vontade, e é o que a poesia quer, quando tu escreve a poesia já é pra tu se libertar, tipo, pra ti se expressar, e então quando tu chega num espaço que tu não tem esse conforto de falar o que tu quer expressar é chato né. Então no *Slam das Minas* tu tem esse espaço, tu se sente a vontade e em outros slams nem tanto. (Ryane)

Ela expõe também que, ao conhecer o *Slam das Minas – POA*, percebeu uma mudança em suas narrativas: “quando eu vi elas eu comecei a escrever sobre o meu lado feminino, sobre as pautas femininas...” Destacamos a importância do espaço oferecido pelo *Slam das Minas – POA* de possibilitar transformações pessoais a partir do que é discutido no encontro.

De acordo com França (2006) e Guimarães (2006) estudar as narrativas é também entender que as relações sociais fazem parte delas e que os discursos ali produzidos propõem troca de experiências e conhecimentos aos envolvidos.

Apesar da liberdade que as *slammers* têm de escolher as temáticas para declamação, elas optam por narrativas específicas para o *Slam das Minas - POA*. Rayane prefere recitar poesias sobre a mulher negra e LGBTfobia, racismo e sobre “o quanto a gente foi supersexualizada por muitos anos e ainda é, e também trago nas minhas poesias a homofobia negra, tipo, a mulher já sexualizada, então ela não é vista, é muito poucas negras que tu vê sendo lésbicas, por exemplo”. Fernanda afirma acreditar que os poetas passam por transições na escrita e conta como isso aconteceu com ela:

A gente vai se conhecendo, e a gente vai se encontrando nas linhas que a gente gosta de falar. As minhas primeira linhas pro *Slam das Minas* elas eram sobre a hiperssexualidade da mulher negra, de como a gente é objetificada, foi falando muito sobre essas dores dos caras que eu já tive relacionamento, que eu fui perceber depois, dos níveis absurdos de migalhas que eu cheguei a me submeter só pra ter um pingão de afeto. Começou muito nessa onda, e ultimamente, do meio do ano pra cá, eu meio que parei de usar essas linhas, que foram as primeiras, e só tem uma delas que eu uso até hoje, o resto eu deixei. Que aí foi quando eu comecei a falar da minha mãe, que daí eu vi que tinha muita coisa pra falar sobre aquilo, eu fiz “Mariavilhosa”, é a poesia que eu falo que Deus é uma mulher negra, dou todo um contexto, falando sobre Maria e tal, o nome da minha mãe é Maria, tem toda uma base, aí eu comecei a falar sobre isso, encontrei essa vertente. (Fernanda).

Vimos diferentes formas de representar a si mesmo durante as observações e também pudemos entender o motivo da seleção das narrativas pelas *slammers*. Elas estão se expondo, pautando temas que vivenciam diariamente, são as suas

experiências como mulheres que se tornam histórias das poesias. Estas temáticas são percebidas pelas competidoras como algo que necessita ser pautado tanto como uma forma de ataque, que, nas palavras de Lilian, “é colocar as minas onde elas precisam estar”, como também de alívio, conforme demonstra Fernanda: “era uma coisa que eu precisava dizer.”

5.5 Descobrimo o “empoderamento que elas já têm”

Para que fosse possível entendermos como a participação das *slammers* no *Slam das Minas - POA* é percebida por elas, foi necessário investigarmos as trocas comunicativas, a performance e as narrativas que são vivenciadas nesse local. Através das observações, identificamos que a palavra “empoderamento” foi utilizada no evento. Porém, para compreendermos o real significado do conceito para as *slammers*, foi preciso discutir suas implicações nas entrevistas em profundidade.

Quando perguntamos para Fernanda o que levou a poeta a participar do *Slam das Minas – POA*, ela respondeu: “É importante ter espaços só pra esses grupos, pra haver essa troca e pra gente ter essa conexão, né. Sentir na outra, e se entender, e se ver, é muito fortalecedor, é muito empoderador.” Percebemos como a *slammer* se sente ao se conectar com outras mulheres que, assim como ela, ocupam o mesmo espaço na sociedade. Lilian percebe os “poderes de atuação” que Berth (2018) menciona, ao refletir sobre a diferença entre escrita e declamação:

Se eu escrevo umas linhas onde eu me “empodero” mais, quando eu tô na roda não tem nada que me tira esse sentimento, sabe. Parece que eu pego aquilo do papel e me visto com aquilo, e quando eu tô na roda não tem quem me pare. São os três minutos da minha vida, cada fase, cada verso livre... Daí é muito louco, parece que eu tenho vários *déjàvus*, que eu vou lembrando porque que eu fiz, o que aconteceu pra eu escrever aquelas linhas, o que me motivou a escrever aquilo, e quando é uma linha mais antiga eu me lembro porque eu escrevi aquilo, como é que isso tá agora, e tudo isso dá impulso pra que eu faça as coisas... Eu me visto disso assim, por isso que eu tenho tanto crescimento, que daí eu pego aquilo pra mim, naquele momento que eu internalizo mesmo, eu aceito, beleza, eu realmente acredito nisso que eu escrevi, eu tô bancando isso, me assumindo, trazendo pra mim. (Lilian).

Berth (2018) considera a autoaceitação uma característica do empoderamento e, como vimos no relato de Lilian, esta percepção sobre si ocorre

durante sua performance no *Slam das Minas - POA*. Já Ryane conta que sempre foi contra a palavra empoderamento. Em suas palavras:

[...] eu acho que é como se alguém tivesse te dando poder, sabe, eu não entendia muito bem essa palavra, tipo, sendo que a gente já é empoderada, então eu acho que ninguém precisa dar isso, por exemplo, eu vou fazer um projeto pra empoderar mulheres, não, tu vai fazer um projeto pra elas descobrirem o empoderamento que elas já tem. Então não é isso, esse dar, eu acho que eu sempre fui empoderada mas eu não sabia, eu era uma jovem que não entendia isso, então essa palavra pra mim ela é confusa e muito relevante. A mulher não precisa que tu empodere, ela precisa que tu passe autoconfiança pra ela, dê essa oportunidade. É igual, falar: vou fazer um projeto pra dar voz pros jovens, não os jovens já tem voz, só precisam de espaço, então acho que é isso. (Ryane).

Berth (2018) discute o esvaziamento da palavra. Como vimos anteriormente, ela alerta que existe um distanciamento dos sentidos naturais do conceito e isso se dá, principalmente, por grupos hegemônicos que se apropriam do discurso em benefício próprio. Para a autora, é essencial que tenhamos um olhar crítico sobre o empoderamento, somente dessa forma podemos aprofundar as discussões sobre o tema e questionar as estruturas dominantes.

Ribeiro (2017), também sugere discutir as relações de poder imbricadas na sociedade, enfatizando que o direito à voz está ligado diretamente a noção de existência do indivíduo. Portanto, é hora de questionar a hegemonia branca que ocupa locais onde seu discurso é legitimado. Na conversa com as *slammers*, percebemos que, em uma microescala, o *Slam das Minas - POA* tem o papel de colaborar para que especialmente mulheres negras sejam detentoras da palavra. Sobre isso, Lillian expõe:

As poesias que eu recito no *Slam das Minas* as manas se identificam muito e é uma troca, uma troca mesmo, então a minha relação com o *Slam das Minas* sempre foi crescendo gradualmente, começou sendo um lugar de escuta, depois um lugar de fala, hoje é um lugar de aprendizado incrível, a gente tem muito crescimento, nossa, tem coisas que eu nem sabia, hoje eu já vejo com outros olhos. (Lilian).

Ryane tem uma visão muito parecida com a de Lilian sobre essa questão. Ela percebe a necessidade de utilizar todas as ferramentas possíveis para expor sua vivência enquanto mulher negra:

Eu trago na minha poesia essa minha realidade, de passar por situações com meu pai, o abandono do meu pai, trago na minha poesia a realidade de

não ter condições financeiras na infância, e hoje eu sei que eu sempre fui calada e esse é o meu lugar de fala e o *slam* me dá esse lugar de fala, hoje em dia, e eu assumo essa responsabilidade de mulher negra na sociedade pra que as minhas primas não passem por isso, que o futuro das minhas primas não seja igual ao meu. (Ryane).

Percebemos a vontade da *slammer* de lutar por uma sociedade mais justa para sua comunidade. Quando perguntamos para Ryane se ela percebia alguma diferença em si antes e depois de participar do *Slam das Minas - POA*, a resposta foi a seguinte:

Eu aprendi a ouvir... Sobre união, eu não tinha muito essa coisa de ir pra rua, de lutar pelos meus direitos, até porque minha mãe nunca deixou, mas de assumir as responsabilidades sabe, tipo, tá acontecendo algo, tipo, querem cortar as cotas, isso é uma responsabilidade minha também, eu preciso ir pra rua lutar por isso, então o *slam* me fez abrir a visão de o que era resistência, porque pra mim era uma coisa, e ele me mostrou outra. Tipo, a gente ocupar esses espaços na rua, isso já é um ato de resistência, a rua é nossa, a praça é nossa, então a gente tem esse direito. (Ryane).

Aqui identificamos o caráter coletivo que o *Slam das Minas - POA* possui, além de servir como uma ferramenta de combate para os minorizados, incentivando a transformação, quando questiona as organizações soberanas. Percebemos que o *Slam das Minas - POA* é um lugar que pode ser considerado um estímulo ao empoderamento das mulheres. Conforme Fernanda pontua, “as gurias no geral não são incentivadas a participarem e serem protagonistas” e, nesse ambiente, elas recebem esse incentivo e acabam sendo motivadas a participar ativamente de lutas para minimizar as desigualdades enfrentadas por si mesmas e pelo seu grupo.

Segundo Berth (2018), o reconhecimento de si e da sua posição social é essencial para que o sujeito possa encontrar nele próprio “ferramentas ou poderes de atuação” no contexto em que está situado “em prol da coletividade”. A última pergunta da conversa com as *slammers* era: “O que é empoderamento para ti?” Na perspectiva de Angélica, “Empoderamento tem muitas definições no geral, mas eu acho que o empoderamento maior é quando tu te sentes bem consigo mesma, e quando tu consegue passar isso não só pra ti mas pro entorno a tua volta, é isso.” Ela descreve o *Slam das Minas* da seguinte maneira: “força e resistência o tempo inteiro, porque é o que a gente é, força e resistência o tempo inteiro.” A *slammer* reconhece o impacto que o encontro tem na vida de quem participa.

Fernanda, por sua vez, declara que em sua visão o *Slam das Minas - POA* tem a ver com “processos”. Ou seja, enxerga-o como uma ação continuada, algo que não acaba quando o encontro termina.

A frase que dá título a este subitem é a síntese de um trecho da entrevista com Ryane. Com a citação, queremos expressar uma percepção que perpassa todas as entrevistadas: a de que ao participar do evento elas estabelecem relações com outras mulheres, conhecem histórias, aprendem coisas novas, se transformam.

8 CONCLUSÃO

*Ser preto tá na moda
Mas meu empoderamento
Te incomoda*

(Declamação de uma *slammer* em março/2019)

Pudemos observar, no desenvolvimento desta pesquisa, que as mulheres enfrentam dificuldades para ocupar espaços de protagonismo como detentoras da palavra. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, divulgados pelo *Nexo Jornal*, a desigualdade de gênero faz com que a disparidade de salário seja expressivamente menor quando comparada com a masculina, contribui para a violência contra a mulher e desincentiva a presença feminina em posições de destaque (FÁBIO, 2018). Como forma de combate a estas questões, surgem movimentos sociais como o feminismo, propondo igualdade entre homens e mulheres. Estas organizações mobilizam ações, protestos e debates sobre a causa.

O *Slam das Minas - POA* é um espaço em que se discutem temas como estes e se oferece um ambiente confortável para as *slammers*. Nesse sentido, enxergamos o evento como uma “estratégia afetiva”, definida por Berth (2018) como uma articulação que favorece o campo do empoderamento. Esta é uma das principais conclusões deste trabalho, que teve como problema de pesquisa o entendimento da vivência no *Slam das Minas - POA* pelas mulheres participantes. Através do referencial teórico, das observações e das entrevistas em profundidade, foi possível responder a problemática levantada com sucesso.

Além disso, como objetivo geral, visamos a entender, por meio das perspectivas das *slammers*, se suas vivências e participação no coletivo se constituíam como elemento empoderador. Consideramos ter respondido a tal questão mediante o cumprimento dos objetivos específicos, a partir dos quais avaliamos as trocas comunicativas e relações estabelecidas entre as *slammers* e a plateia; compreendemos como elas constituem as temáticas das poesias recitadas; analisamos os componentes de representação de si presentes nas performances e, por fim, problematizamos como a participação no encontro se relaciona ao empoderamento.

Os relatos das *slammers* demonstraram que o evento proporciona um ambiente de acolhimento para as mulheres se expressarem. “O grito do *Slam das*

Minas já diz tudo assim, poesia contamina!”, afirma Lilian. A contaminação do público, atento a cada poesia declamada, se emocionando e participando, foi evidenciada nesta pesquisa, em convergência com a leitura de França (2016) acerca interação entre as pessoas ser capaz de fomentar as trocas comunicativas.

Através do aporte teórico de Wolton (2010), entendemos que a comunicação é capaz de ser exercida e entendida de diversas formas, inclusive não verbais. Nas observações, percebemos que elas compartilham olhares, palavras, gestos com o público. Isso acaba propiciando a construção de laços afetivos durante o encontro pela performance e temáticas das narrativas contadas, vínculos que muitas vezes seguem após o evento pela consistência da conexão estabelecida entre as frequentadoras. As participantes descreveram suas experiências em relação ao *Slam das Minas - POA* durante as entrevistas, e pudemos compreender de que maneira a vivência delas está ligada ao conteúdo dos poemas, à forma de apresentá-los e também de senti-los.

Questionamos as slammers sobre suas noções acerca do empoderamento. E percebemos como elas enxergam isso a partir de suas próprias vivências.

Eu acho que ninguém empodera ninguém, ninguém tem o poder de empoderar outra pessoa. E se empoderar é um ato que ele é individual, assim como a consciência, né. A consciência ao mesmo tempo que ela é coletiva, ela é individual também. Se empoderar é, literalmente, o que a palavra quer dizer, tu ter poder, ter autonomia sobre as tuas atitudes, tu fazer o que tu quer, e ter plena consciência disso. Por que muitas vezes a gente faz coisas que a gente não queria fazer, mas a gente tem que fazer. Ou, a gente acha que tem que fazer. E eu acho que se empoderar é o contrário disso, é quebrar com essa expectativa, é fazer o que tu acha que tem que ser feito. É tu se amar, se colocar em primeiro lugar. (Fernanda).

Apesar do esvaziamento da palavra, entendemos que o empoderamento é percebido pelas competidoras e tem um significado que diz respeito à coragem, à liberdade, ao amor próprio. A consciência individual das *slammers* sobre a desigualdade de gênero, quando compartilhada, passa a ser coletiva. Este é outro ponto importante desta pesquisa, e vai ao encontro do que Berth (2018) explica em sua obra. A autora diz que o empoderamento é um instrumento de luta social, mas que é necessário que o âmbito coletivo seja mobilizado para questionar o ambiente em que se vive.

Além de servir como instrumento de luta social, o empoderamento é um processo que ajuda a questionar a opressão que sofrem as mulheres, só que isso só acontece caso haja o reconhecimento da existência da dominação masculina. Nas

palavras de Crua, durante uma observação em março de 2019: “A luta pela existência me fez pensar em desistir, mas a raiva, a curiosidade, e o amor de enxergar o mundo é o que me fez chegar até aqui.” Diante disso, enxergamos o espaço oferecido pelo *Slam das Minas - POA* como mobilizador de exposição desse conteúdo. É nesse lugar que são expostos temas velados ou suavizados pela mídia e sociedade patriarcal.

Percebemos que existe a necessidade de pesquisadoras brancas questionarem seu lugar de privilégio e visibilizarem movimentos culturais atravessados pela negritude, como o *Slam das Minas – POA*, além de referenciar mais autoras mulheres. Embora o foco deste estudo não seja a negritude, é visível no *Slam das Minas - POA* a forte presença de mulheres negras no movimento. E, na condição de comunicadores, temos responsabilidade no combate ao racismo e demais atos discriminatórios.

Enquanto Relações Públicas, temos o dever de evidenciar essas questões, seja na academia, na comunidade ou no trabalho. A comunicação social só tem a ganhar quando direciona o olhar para pontos que não possuem grande visibilidade. Precisamos comunicar as violências estruturais que assolam a população feminina. Caso contrário, a “ilusão igualitária” (IRIGARAY, 2018) permanecerá no nosso imaginário. Além disso, num país como o Brasil, no qual a cultura passa por momentos difíceis, como por exemplo, o fim do Ministério da Cultura⁷, estudar movimentos culturais como o *Slam* é uma responsabilidade social.

Acreditamos, contudo, que estar tão próximos dessas questões, especialmente as relatadas pelas entrevistadas – como situações de opressão e violência – faz com que seja difícil não se sentir tocado. A escuta dói, pois é aprofundada em especificidades que também nos ferem. Porém, se nós não pesquisarmos sobre nós, quem pesquisará? Essa discussão é urgente. O *Slam* como um todo necessita de mais pesquisas. Notamos que essa manifestação não só fala, mas também exige. E qual é a exigências dessas vozes? Este seria um bom questionamento para um próximo estudo. Assim como o empoderamento, sobre o qual muito se fala, mas pouco se sabe. Inclusive, mesmo após todas essas páginas, sentimos não saber o suficiente sobre o conceito.

⁷Para melhor situar o debate sobre a extinção do Ministério da Cultura, conferir a reportagem de Perezin (2019), no jornal *Folha de Londrina*.

Neste trabalho, pudemos demonstrar que as *slammers* encontram ferramentas de empoderamento pela sua força de expressão no *Slam das Minas – POA*, utilizando, para isto, a performance e as narrativas. Identificamos que o movimento pode ajudar as mulheres, servindo como elemento conscientizador e provocador de atritos, influenciando no enfrentamento da realidade em que se vive. É essencial nos situarmos dentro do debate e da luta, perceber, dentro deste contexto, onde estamos, de modo a auxiliar nas reflexões sobre o empoderamento e fazendo crescer o número de pessoas interessadas no assunto.

Para que isso se efetive, é interessante empreender um ato reflexivo, atentando ao fato de que as Relações Públicas tem potencial para levantar temas capazes de promover formas de exercício da cidadania. Ter a possibilidade de escrever uma monografia evidenciando a comunicação a nível de transformação social é algo que nos deixa muito feliz. Sermos pioneiras em uma pesquisa nos assustou no início, mas, após conhecermos as *slammers* e o *Slam das Minas - POA* de forma mais aprofundada, nos sentimos encorajadas a seguir com o estudo. A voz ativa das mulheres, a interação e a força dessa expressão nos fascinaram durante o percurso. A impressão que temos é de que estamos perdendo algo. Mas, ao mesmo tempo, cremos que esse sentimento pode ter a ver com a vontade de seguir pesquisando este tipo de movimento artístico e cultural.

Esperamos que este trabalho sirva como referência para novas pesquisas. O *Slam*, de forma geral, é um encontro multifacetado; portanto, esta monografia não contempla todo seu potencial, haja vista ter como foco as *slammers*. Contudo, pensamos que o público também tem muito a dizer, constituindo uma lacuna a ser explorada em futuros trabalhos. Procuramos evidenciar mais autoras mulheres e valorizar outras cores de pele que não a do homem branco. A diversidade precisa ser vista; do contrário, seguirá sendo excluída.

O *Slam das Minas - POA* é importante para as mulheres de modo geral, possuindo extrema relevância para as participantes das entrevistas. As edições terminam, mas o sentimento de ter feito parte de pelo menos um evento segue nos corações e mentes das *slammers*, incentivando-as a questionar as imposições sociais. Desperta inspirações para novas poesias. Estimula sentimentos de identificação e pertencimento. E abre dentro delas a possibilidade de amar a si e ao próximo. Diante disso, finalizamos ressaltando a importância de trazer a comunidade

para a academia, considerando que, como comunicadoras, é necessário fazer essa articulação. Afinal, a universidade é um direito de todos e todas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

ANTUNES, Leda. O que é cis, trans, não-binário e outras definições de gênero. **Huffpost Brasil**. [S.l.: s.n.], 27 abr. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/identidade-genero_br_5c5b02a0e4b087104759c51a. Acesso em: 21 jun. 2019.

ARAÚJO, Júlia Figueiredo Murta de. **Juventude e produção literária**: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-20022019-130313/pt-br.php>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BEAUVOIR, Athena. [sem título]. **Slam das Minas**, edição de março de 2019.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 235-256.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARAPEÇOS, Nathália. Poetryslam: competição de poesia falada ganha cada vez mais adeptos no Rio Grande do Sul. **Zero Hora**, Porto Alegre, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/08/poetryslam-competicao-de-poesia-falada-ganha-cada-vez-mais-adeptos-no-rio-grande-do-sul-9875439.html>. Acesso em: 21 jun. 2019.

COSTA, Cristiane. Rede. *In*: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-255, 2004.

FÁBIO, André Cabette. A desigualdade de gênero no mercado de trabalho mundial, em 3 pontos. **Nexo Jornal** [S.l.: s.n.], 08 mar. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/08/A-desigualdade-de-g%C3%AAnero-no-mercado-de-trabalho-mundial-em-3-pontos>. Acesso em: 20 de jun 2019.

FRANÇA, Vera Veiga; GUIMARÃES, César. (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.p. 153-174.

_____. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. *In*: GUIMARÃES, César *et al.* **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 27- 43.

_____. Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 7, p. 1-10, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3392/4320>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. Comunicação, sociabilidade e cotidiano: o fio de Ariadne, a palavra da rua. *In*: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (Orgs.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro, 1996. p. 103-111.

FREITAS, Douglas de Oliveira. **“O silêncio é uma prece”**: comunicação e a escuta do homem branco heterossexual no Slam. 2017. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177691>. Acesso em: 22 jun. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IRIGARAY, Luce. O preço das palavras. *In*: BAPTISTA, Maria Manuel (Org.). **Gênero e performance**. Textos essenciais. v. 1. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 155-166.

MOSCOVICI, Sérgio. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

OAKLEY, Ann. **Sex, Gender and Society**. New York: Routledge, 2016.

ODARA, Norma. Conheça o Slam, a batalha de poesias que tomou as ruas das cidades. **Brasil de Fato**, [S.l.: s.n.], 5 set. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/09/05/conheca-o-slam-a-batalha-de-poesias-que-tomou-as-ruas-das-cidades/>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PEREZIN, Natália. O que representa o fim do MinC? **Folha de Londrina**, Londrina, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/o-que-representa-o-fim-do-minc-1024252.html>. Acesso em 20 jun. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais). p. 116-149.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KLIEN, Júlia. Na poesia. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p.105-139.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 27 abr. 2019.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, EsteraMuszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.

SLAM: voz de levante. Direção: Tatiana Lohmannn, Roberta Estrela D'Alva. Produção: Marisa Reis. Roteiro: Tatiana Lohmannn, Roberta Estrela D'Alva. Brasil, EUA, 2018. 85 min.

VIEIRA, Vera de Fátima. **Comunicação e Feminismo**: as possibilidades da era digital. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ZANLORENSSI, Gabriel; ALMEIDA, Rodolfo. Como os brasileiros acessam a internet. **Nexo Jornal**. [S.l.: s.n.], 04 set. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/09/04/Como-os-brasileiros-acessam-a-internet>. Acesso em: 04 jun 2019.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Roteiro de Observação Sistemática – Slam das Minas POA
Local:
Data:
Hora:
Duração:
Número de Slammers:
Média de público:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Observar como as trocas comunicativas entre as slammers e seu público ocorrem (como o público responde, de que maneira as slammers se dirigem ao público, reações...). 2. Analisar se as reações do público interferem no desempenho das slammers. 3. Identificar quais são os temas mais recorrentes nas poesias do Slam das Minas. 4. Verificar qual a média de gênero e raça das slammers. 5. Registrar o nome das slammers e relacionar às temáticas das poesias com cada uma delas. 6. Analisar a postura das slammers em suas apresentações (performance). 7. Atentar se a palavra empoderamento é utilizada, e de que forma é evidenciada. 8. Registrar com fotos e vídeos o Slam das Minas.

**APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM
PROFUNDIDADE**

Roteiro da entrevista em profundidade semiestruturada.
PRIMEIRO BLOCO
<p>Qual teu nome, idade e orientação sexual? Qual é a tua autodeclaração étnico racial? O que é a poesia pra ti? Qual foi a primeira vez que tu teve contato com a poesia? Lembra quando tu escreveuteu primeiro poema? E a primeira vez que declamou? Como tu conheceu o Slam das Minas - POA? Como foi a primeira vez que tu participou do Slam (como ouvinte/slammer)? Quantas vezes tu já declamou poesia nesse espaço? O que te levou a participar do Slam das Minas - POA? Participa de outros slams? Qual a diferença de outros Slams em relação ao Slam das Minas - POA Qual a importância do Slam das Minas - POA na tua vida?</p>
SEGUNDO BLOCO
<p>Qual(is) o(s) tema(s) que tu mais gosta de declamar no Slam das Minas - POA e porquê? Quais são as relações desses temas com as tuas vivências? Como tu se sente ao declamar suas poesias no Slam das Minas - POA? Tu percebe alguma mudança em ti de antes a depois de participar no Slam das Minas - POA? Tu treina tua apresentação antes do Slam das Minas - POA? Pra ti, qual é a diferença de experiência entre declamar e escrever a poesia? Como é pra ti sentir as reações do público quando tu te apresenta? A quantidade de pessoas assistindo é relevante pra ti? Se tu pudesse sintetizar o Slam em uma frase, o que tu diria? O que é empoderamento pra ti?</p>

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu.....
....., abaixo assinado(a), autorizo Brenda Evangelho da Cruz, estudante de Relações Públicas, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “A voz empodera: um estudo de campo sobre o Slam das Minas - POA” e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Laura Wottrich. Porto Alegre, de de 20_.

Assinatura do entrevistado

.....